

convergência

JUL/AGO — 1981 — ANO XVI — Nº 144



- **A DIMENSÃO MISSIONÁRIA NA FORMAÇÃO E NA VIVÊNCIA DA VR**

Pe. José Belmiro de Melo, SVD — página 325

- **FORMAÇÃO PARA A ORAÇÃO PESSOAL E COMUNITÁRIA**

Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ — página 343

- **A INSERÇÃO E SUAS TENTAÇÕES**

Pe. Benjamim González Buelta, SJ — página 350

CONVERGÊNCIA
Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil

Diretor-Responsável:
Pe. Décio Batista Teixeira, SDB

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:
Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar
20031 RIO DE JANEIRO — RJ.

Assinaturas para 1981:

Brasil, taxa única (via
terrestre ou aérea) Cr\$ 790,00
Exterior: marítima US\$ 17,00
 aérea US\$ 25,00
Número avulso Cr\$ 79,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição: Linolivre S/C Ltda., Rua
Correia Vasques, 25 — loja. 20211 Rio de
Janeiro, RJ.

Fotocomposição: Estúdio VM — Com-
posições Gráficas, Ltda., Rua Escobar, 75,
s. 202. 20940 Rio de Janeiro, RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora
Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 — 25600
Petrópolis — RJ.

Nossa Capa

O homem é um animal simbólico. Conhece também pelos SINAIS. Pelo sinal que vê, descobre o que não vê. Um SINAL indiferente, neutro, apático, ambíguo (como nossa capa) não diz nada a ninguém. Não significa. Não visibiliza nem pressupõe nem se vincula ao lastro de realidades que escapam à percepção sensorial. Sem critério teórico de configuração mental, o SINAL é vazio de conteúdo real. Destituído também da marca básica de referência com realidades imateriais, não tem elã e deixa a gente perplexo. Um contra-senso: SINAL que não sinaliza. Exatamente, o que Você, Religioso e Religiosa, não pode ser. Cada qual tem o seu projeto e o seu caminho. Cada caminho tem o seu

grau e o seu grão de inteligibilidade. Cabe a cada um escolher aquela mediação, que julga mais adequada, para traduzir, pela simples presença, o que leva em si de mais imponderável e típico: SER O SINAL de que Deus está agindo. Para perceber este mistério dos SINAIS e ver, assim, por dentro, exigem-se comunicação recíproca e amor mútuo. O que Você e Convergência tentam realizar nestes anos todos com relação à Vida Religiosa. Em 1981, sua revista CONVERGÊNCIA, a Revista dos Religiosos do Brasil, que vive a serviço de arraigadas convicções, vai ser um estímulo para que Você não ceda ao conformismo e perca de vista o reino do faz-de-conta de quem não dedicou ainda atenção perceptível à força proveniente da afinidade essencial entre as coisas mais transcendentais e o seu simbolismo. E se confirme: SER SINAL fundamentalmente inteligível pelo que Você é, pelo seu modo específico de ser. Como ao ser segue o agir, suas ações e Você mesmo, haverão de ser sinais transparentes. Mãos à obra.

Registro na Divisão de Censura e Diversões
Públicas do D.P.F. sob o n.º 1.714-
P.209/73.

SUMÁRIO

EDITORIAL	321
INFORME DA CRB	323
A DIMENSÃO MISSIONÁRIA NA FORMAÇÃO E NA VIVÊNCIA DA VIDA RELIGIOSA Pe. José Belmiro de Melo, SVD	325
FORMAÇÃO PARA A ORAÇÃO PESSOAL E COMUNITÁRIA P. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ	343
A INSERÇÃO E SUAS TENTAÇÕES Pe. Benjamim G. Buelta, SJ	350
PROCESSO TEOLÓGICO E PRINCIPAIS CORRENTES TEOLÓGICAS, Equipe do INP	360
COMENTÁRIOS EM TORNO DO NÚMERO 8 DO TEXTO Pe. Raimundo José Soares	370
A LIBERTAÇÃO NASCE DA VERDADE DE CRISTO João Paulo II	378

EDITORIAL

Vocação é um chamado, uma destinação a um futuro. Perguntar pela vocação de uma pessoa é perguntar a que está ela destinada. A vocação deve realizar-se no presente mas sempre com a abertura e chance para o futuro. Por isto a vocação é um projeto, um caminho e um processo; uma realidade que se vai cumprindo na história e que vai construindo a história pessoal de cada um, numa contínua interação com a caminhada histórica da humanidade.

Podemos dizer que a vocação radical do homem diante de Deus é a de ser filho, no sentido mais profundo e ontológico que a palavra implica. Todo homem é vocacionado à comunhão de vida com o Pai, no seu Filho Jesus, por meio do seu Espírito. Esta vocação a ser "filho no Filho" fundamenta para o homem a possibilidade de um projeto de vida, orientado para o amor e a entrega, na afirmação de Deus como absoluto sentido e como realidade plenificadora do seu ser-homem. Este projeto constitui-se em eixo motor e articulador do sentido profundo da vida e implica em empenho sumamente ativo da pessoa e uma atuação profunda da liberdade. Assumido como resposta à proposta salvífica do Pai, configura o cristão.

Este projeto é vivido no coração da história humana, em profunda

relação com as suas lutas e esperanças, seus conflitos e seus avanços. Neste sentido a vocação do homem a ser filho é também vocação a ser irmão, a partilhar com o outro o que é e o que possui, a viver na alegria da fraternidade e do encontro, criando harmonia, justiça, igualdade e amor. Este projeto fundamental aberto para Deus e para o irmão pode configurar-se, para alguns cristãos, num projeto de seguimento radical de Jesus, na Vida Religiosa.

Esta vocação na Igreja quer ser a tematização da experiência de Deus em Jesus Cristo, vivida na fraternidade, expressa numa consagração pública e inserida no mundo, como sinal profético do futuro do mundo. Como tal, não nasce da estrutura hierárquica da Igreja, senão da mesma fonte de onde nasce a Igreja. Prolonga e radicaliza a vocação batismal, num intento explícito de viver em toda a sua radicalidade a vida e a santidade da Igreja. Seguir a Jesus, neste projeto de radicalidade evangélica significa portanto:

— Identificar-se com Ele e anunciar aquilo que Ele anunciou — o Reino — como sentido absoluto para nosso mundo.

— Contestar todas as formas de egoísmo que fecham o homem e a sociedade às exigências do Reino, na sua atualização histórica.

O caráter profético da vocação religiosa na Igreja lhe confere uma total liberdade para o Reino e um extraordinário potencial evangelizador. Precisamente por ser uma vocação profética e carismática, a vocação religiosa está chamada a ocupar "os postos de vanguarda evangelizadora"; a situar-se nas situações limites da humanidade; a fazer-se presente, como anúncio profético e antecipação do Reino, em todas as situações desafiantes da história humana. Na medida em que procura ser fiel à sua identidade e missão, a vocação religiosa conserva sua forma de convocatória e sua fecundidade na Igreja.

CONVERGÊNCIA, neste mês de julho/agosto, agosto é mês vocacional na Igreja do Brasil, oferece aos seus leitores, subsídios de reflexão sobre importantes aspectos do projeto religioso e da formação para a vivência deste projeto.

O artigo do **Pe. José Belmiro de Melo, SVD**, "A dimensão missionária na formação e na vivência do projeto religioso", aborda importante aspecto da vocação religiosa. "Nossa época é toda ela um grande desafio missionário sob múltiplos aspectos. Neste contexto, a Igreja é desafiada no seu brio missionário e nela os religiosos — vanguarda da Igreja, devem sentir-se profundamente urgidos a aprofundar sua dimensão missionária".

Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ, trata o tema da oração, outra dimensão básica do projeto

religioso. Seu artigo, "Formação para a oração pessoal e comunitária", tenta descobrir, a partir daquilo mesmo que é a oração, alguns critérios e atitudes de fundo sobre os quais alicerçar uma vida de verdadeira oração pessoal e comunitária.

"A inserção e suas tentações" é o tema elaborado pelo **Pe. Benjamin González Buelta, SJ**. A partir da experiência vivida nos últimos anos por um considerável setor da Vida Religiosa, o autor analisa com grande sentido de realismo as "tentações" a que está exposta, como toda realidade humana, esta forma concreta de viver o projeto religioso.

O texto "Processo teológico e principais correntes teológicas", elaborado pelo **Instituto Nacional de Pastoral (INP)**, constitui uma síntese acurada e interessante da evolução da teologia nos últimos anos.

O artigo do **Pe. Raimundo José Soares** comenta o número 8 do texto e ajuda a compreender de forma pertinente o seu conteúdo. O discurso de **João Paulo II**, "A libertação nasce da verdade de Cristo", citado várias vezes pelo **Pe. Raimundo José**, está estreitamente relacionado com o argumento central de seu artigo e com o número 8 do referido texto.

A leitura desta documentação será, sem dúvida, de grande interesse e oportunidade para os Religiosos e Religiosas.

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

CURSO DE PSICOLOGIA E MORAL

De 7 a 10 de maio, em Mendes — RJ, reuniram-se 129 religiosos de 70 Congregações, provenientes de 12 Estados brasileiros, para um Curso de Psicologia e Moral promovido pela CRB/Nacional.

O Curso destinou-se a Provinciais, Formadores e Professores de Casas de Formação. Foi uma tentativa de resposta à necessidade de uma melhor compreensão da problemática da sexualidade na formação integral da pessoa do religioso. Com o fim de abordar o assunto sob vários ângulos, a CRB Nacional convidou especialistas em diversas áreas. Assim, a equipe de expositores constituiu-se dos professores: Padre Edênio Reis Valle, SVD — Vice-Reitor da PUC/SP, Psicólogo-Social; Frei Antônio Moser, OFM — Diretor e Professor do Instituto de Filosofia e Teologia dos Franciscanos de Petrópolis/RJ, Prof. de Moral da

PUC/RJ, Redator da Revista "Sedoc"; Dr. João Moura — Diretor do Instituto de Ensino de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, Professor de Psicopatologia da USU/RJ, Chefe da Clínica da Divisão de Saúde Mental do IPASE; Dra. Elsa Oliveira Dias — Psicóloga Clínica, Membro da Associação Brasileira de Análise e Terapia Existencial, Daseinsanalyse, Professora da PUC/SP.

A dinâmica do grupo, através do método ver-julgar-agir, permitiu a participação de todos, estabelecendo um diálogo entre coordenadores e cursistas. Partindo de elementos colhidos na prática educativa e terapêutica, fez-se um embasamento teórico que foi seguido de um discernimento com vistas ao agir pedagógico.

MOÇÕES DA IX ASSEMBLÉIA DO COMINA

Para que a Igreja no Brasil possa continuar sua caminhada missionária, os responsáveis pela animação missionária, reunidos na IX Assembléia do COMINA, apresentam as seguintes propostas de ação, para o ano de 1981:

1. A animação missionária não seja uma atividade exclusiva dos organismos e congregações, mas seja assumida e

coordenada pela Igreja Local, com a colaboração dos organismos missionários nela existentes.

2. Cada diocese designe um responsável pela animação e ação missionária: a) que seja membro do Conselho Pastoral Diocesano; b) que cuide da criação ou funcionamento de um Conselho Missionário Diocesano.

3. Criem-se (ou fortaleçam-se, onde já existem) os Conselhos Missionários Regionais (COMIREs), como instrumentos de mentalização e comunhão missionária entre as dioceses do mesmo Regional.

4. Na animação missionária das Igrejas Locais haja: a) valorização dos leigos despertando e dando espaço às suas possibilidades criativas e operativas; b) sensibilização dos jovens que sejam motivados a assumir suas responsabilidades missionárias; c) revitalização das intenções missionárias mensais e de outras iniciativas de oração e oferta de sacrifícios, através de subsídios e atividades adequadas.

5. Na ação missionária, as Igrejas locais visem os seguintes objetivos: a) envio de missionários, leigos, religiosos e sacerdotes, devidamente preparados e respeitando um processo de inserção-engajamento, a partir da comunidade local até o envio para outros lugares; b) formação de agentes de pastoral local, especialmente sacerdotes diocesanos.

6. O COMIRE organize um encontro de responsáveis diocesanos, com os seguintes objetivos: a) preparar-se para a assembléia anual do COMINA; b) rever as atividades regionais e esclarecer sobre as finalidades do COMINA; c) escolher os elementos que deverão participar da Assembléia.

7. Os responsáveis diocesanos e regionais pela animação missionária in-

centivem nas escolas e na catequese paroquial a instrução religiosa com dimensão missionária, buscando para isto cooperação da AEC e dos responsáveis locais pela catequese.

8. Os organismos missionários existentes nas Dioceses e no Regional: a) integrem-se nas equipes de promoção vocacional, que atuam a nível regional, diocesano e paroquial; b) preocupem-se para que nas CEBs seja ressaltada a responsabilidade missionária que decorre do batismo; c) incentivem encontros vocacionais diocesanos, interdiocesanos e regionais.

9. Os responsáveis pela formação dos agentes de pastoral introduzam nos currículos de teologia a Missiologia, enfocando especialmente as situações dos povos indígenas das Américas.

10. Em cada assembléia do COMINA se dê um espaço suficiente para informar sobre as situações missionárias mais urgentes do Brasil (questão indígena, afro-brasileiros) e sobre as respostas e atividades da pastoral específica nestes campos.

11..A diretoria do COMINA dê continuidade à Comissão de trabalhos dos MCS, incumbindo-se de organizar um seminário de responsáveis pela imprensa e pelos áudio-visuais de caráter missionário, para uma atuação mais eficaz na animação missionária, no contexto da pastoral de conjunto da Igreja no Brasil.

Pobreza que Deus não quer

Vemos à luz da fé como um escândalo e uma contradição com o ser cristão, a brecha crescente entre ricos e pobres. O luxo de alguns poucos converte-se em insulto contra a miséria das grandes massas. Isto é contrário ao plano do Criador e à honra que lhe é devida, **Documento de Puebla, nº 28.**

A DIMENSÃO MISSIONÁRIA NA FORMAÇÃO E NA VIVÊNCIA DA VIDA RELIGIOSA

*A formação religiosa seja orientada por um novo sentido de Igreja:
maior contato com a hierarquia, melhor inserção na pastoral,
melhor serviço aos necessitados, maior compromisso com a justiça.*

Pe. José Belmiro de Melo, SVD

São Paulo, SP

Vivemos uma época onde os desafios à mensagem cristã são enormes e urgentes. Isto é: se olhamos o mundo, os diversos continentes em particular, cada nação, as regiões dentro delas e os diversos locais particulares, e vemos estas realidades a partir de nossa fé e de nosso amor a Jesus Cristo e a sua mensagem, sentimo-nos fortemente questionados.

Os espaços geográficos e ambientais, **vazios de Deus** e da penetração evangélica saltam clamorosamente à vista.

A Igreja sente-se profundamente questionada: como aproximar essas imensas massas humanas, com suas complexas problemáticas a Jesus Cristo e fazê-las sentir a libertação que Ele lhes oferece?

Dentro desta Igreja, unidos ao conjunto do povo de Deus, nós religiosos angustiamo-nos “por amor do Cristo e do Evangelho” diante destas

multidões “que parecem como ovelhas sem pastor”.

Assim a **nossa época** é toda ela **um grande desafio missionário** sob múltiplos aspectos. Neste contexto a Igreja é desafiada no seu brio missionário e nela os **religiosos** — “vanguarda da Igreja” segundo Puebla — devem sentir-se profundamente interrogados a aprofundar sua **dimensão missionária** presente na consagração religiosa e em cada um dos carismas próprios das diversas Congregações e Institutos.

Mas a pergunta deve ir mais a fundo. Redescoberta, reavivada e reativada a **dimensão missionária** dos religiosos devemos nos preocupar: **como preparar os futuros membros para, em fidelidade à consagração religiosa, ao carisma específico e à tradição própria de cada Congregação, responder aos desafios que o mundo apresenta à Igreja?** Isto é: neste contexto a **formação** se torna uma questão vital.

Assim é meu propósito no âmbito deste artigo chamar a atenção dos religiosos para a dimensão missionária da vida religiosa, acentuando a necessidade de que a formação seja adequada a este aspecto. Para isto partirei da afirmação básica da Igreja como missionária. Assim veremos:

— A missionariedade como dimensão essencial da Igreja.

— A Igreja na América Latina, uma Igreja em estado de missão.

— A realidade brasileira como desafio missionário à formação e à vivência da vida religiosa.

Em seguida veremos:

— A dimensão missionária própria da vida religiosa, no conjunto do povo de Deus.

— A necessidade de se preparar para a missão.

— Alguns traços de uma espiritualidade missionária, que devem ser cultivados a partir da formação inicial.

Para este trabalho não tenho a pretensão e nem condições de ser original. Lançarei mão de reflexões de outros irmãos nossos preocupados com a causa missionária, e de resultados de encontros e assembleias sobre o assunto, e darei a tudo isto uma disposição própria e um toque pessoal.

A missionariedade como dimensão essencial da Igreja

Seguindo uma reflexão do Pe. Saraiva Martins na assembleia geral do

COMINA (Conselho Missionário Nacional) de 2 a 5/12/80, em Brasília, podemos com ele afirmar:

“A Igreja de Cristo, como comunidade de fé, de esperança e de amor é essencialmente missionária. Ela deve ser, portanto, entendida, para ser compreendida na sua verdadeira natureza, em chave essencialmente dinâmica, apostólica, evangelizadora. Tal é a concepção bíblica, patrística e conciliar da Igreja, retomada pela Exortação Apostólica “*Evangelii Nuntiandi*” de Paulo VI e por João Paulo II sempre que tem ocasião de falar sobre este tema”.

O Concílio Vaticano II é extremamente explícito em afirmar especialmente na “*Lumen Gentium*” e na “*Ad Gentes*”, a missionariedade fundamental da Igreja. A sua afirmação de fundo a tal respeito é que “a Igreja que vive no tempo (peregrina) é por sua natureza missionária. Pois ela se origina da missão do Filho e da missão do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai” (*Ad Gentes* nº 2).

Este aspecto dinâmico, apostólico, missionário da comunidade eclesial, foi fortemente sublinhado, de muitos modos, no Sínodo dos bispos em 1974, sobre a evangelização do homem contemporâneo. Uma preocupação séria dos padres sinodais foi pôr bem à luz a dimensão evangelizadora do Povo de Deus, para reavivar a consciência missionária de todos os seus membros.

No que diz respeito ao **fundamento** da missionariedade essencial da Igreja podemos indicar:

A Igreja é essencialmente missionária, antes do mais, enquanto nasce

da missão, isto é, da ação evangelizadora de Cristo e dos doze. "Ela é o fruto normal, querido, o mais imediato e o mais visível dessa evangelização" (E.N. nº 15).

Em segundo lugar, a comunidade eclesial é fundamentalmente missionária, enquanto "vive mediante a Boa Nova e para essa, assim como tira tudo o que tem para oferecer aos homens", conforme recordava o próprio Pontífice no discurso inaugural de Puebla. A Boa Nova anunciada constitui, portanto, o alimento por assim dizer da Igreja que essa por sua vez oferece aos homens para que estes também vivam.

Enfim, a Igreja é missionária em virtude do mandato do "Ide e ensinai" dado pelo Senhor ressuscitado à sua Igreja.

Assim fica claro que a evangelização, o empenho missionário, o preceito de difundir o Evangelho, constitui o "dever fundamental do povo de Deus". Proclamar o Evangelho constitui a vocação própria e específica da Igreja, a sua própria razão de ser: "evangelizar, lê-se na E.N., é a graça e a vocação da Igreja, a sua identidade mais profunda. Ela existe para evangelizar..." (E.N., 14).

A tarefa de anunciar o evangelho, não é, portanto, facultativa para a Igreja, mas necessária e irrenunciável; não é tarefa temporária, mas permanente, dizia Paulo VI na abertura do Sínodo de 1974.

Como Cristo, portanto, a Igreja não pode não anunciar a Boa Nova do Reino (Lc 4,43). Também para ela vale, e pelos mesmos motivos as palavras de Paulo: "Ai de mim se não pregasse o Evangelho" (1 Cor

9,16). Como Pedro e João, a Igreja não pode não falar "daquele que viu e ouviu" (At 4,20), isto é, não pode não comunicar aos homens ao longo dos tempos, a sua irrepetível experiência do Senhor ressuscitado; não pode não fazer escutar a esses a sua voz, não iluminá-los com a sua luz pascal. É esta uma verdadeira **exigência** da Igreja que, ao longo dos séculos, deve ser testemunhada de quanto Deus pela nossa salvação operou uma vez por todos em Cristo.

Anunciando o Evangelho da salvação e libertação, a Igreja não faz mais que prosseguir, no tempo, a própria missão de Cristo (E.N. nº 15).

É realmente o próprio Cristo que evangeliza por meio da Comunidade Eclesial. Como durante a sua peregrinação terrena Jesus de Nazaré anunciava a Boa Nova aos pobres também hoje continua a percorrer as cidades e as aldeias do mundo, através da presença e da voz da Igreja. O agente principal da evangelização é sempre o mesmo, ontem como hoje: Cristo.

Assim a Igreja se torna plenamente Igreja quando evangeliza. Isto é: quando realiza no mundo e em concreto a salvação do homem. Esta tarefa concreta de salvação dos homens a Igreja realiza pela evangelização, que, segundo a E.N., não consiste só no anúncio da Boa Nova, mas também no testemunho de vida, na "celebração dos sacramentos".

Esta responsabilidade missionária fundamental da Igreja é compromisso de **todos** os seus membros. Dentro deste compromisso missionário de todo o povo de Deus se localiza o dos religiosos.

Reconhecer esta afirmativa, o que é importante, ainda deixa em aberto umas questões muito mais complexas: o que é evangelizar? Como concretizar a evangelização?

A Igreja na América Latina, uma Igreja em estado de missão

O que é evangelizar?

Evangelização não é uma atividade aérea e abstrata, mas se concretiza num povo dentro de situações bem concretas.

Para nós a pergunta se coloca: como concretizar a missionariedade da Igreja em nosso continente latino-americano? Isto é: o que significa evangelizar no continente latino-americano?

Sabemos que a resposta é ampla e complexa. Todo o documento de Puebla está aí como uma tentativa profunda e séria para respondê-la.

O que fica claro é que os desafios missionários são tão grandes e urgentes, que Puebla apresenta a Igreja na América Latina, como uma Igreja em estado de missão.

E falando sobre "a evangelização no presente e no futuro da América Latina" Puebla começa por apresentar os desafios que se apresentam à ação evangelizadora na América Latina, que na bela síntese feita por D. Aloísio Loscheider, Puebla percebe-os:

— **no homem latino americano:**

— **em sua extrema pobreza** produto de situações e estruturas econômicas, sociais e políticas, onde o pecado se faz mais evidente, quando

outra deverá ser a face de um Continente que afirma e sente o seu substrato católico;

— **no desrespeito e atropelo dos direitos humanos fundamentais**, que o coloca em situação de permanente violação da dignidade de sua pessoa;

— **na subversão dos valores culturais autóctones e criação de uma nova cultura** marcadamente secularista, tecnocrata, consumista, hedonista, opressora;

— **em sua manipulação** com a pesada influência dos meios de comunicação social quanto à informação, a publicidade, invasão da privacidade e criação de uma nova linguagem;

— **em seu acelerado crescimento demográfico e o surgimento de megalópoles** incontrolláveis, ligados ao fenômeno migratório interno e externo;

— **em sua sujeição a políticas totalitárias**, em que os abusos de poder, a falta de participação e a proibição de organização são características;

— **em seu encontro com um surto religioso pluralista**, por vezes sectário e proselitista, em meio a ambigüidades teológicas com propagação de doutrinas errôneas ou discutíveis sobre a fé e a moral;

— **em sua desagregação familiar** com o enfraquecimento dos valores básicos da família e as políticas antinatalistas contrárias à moral familiar.

Diante destes desafios concretos sentidos a todo momento na vida de nosso Continente, podemos pergun-

tar: **o que é evangelizar?** É levar, dentro de uma situação concreta, a Boa Nova do Reino de Deus, comunicada aos homens por Jesus Cristo na força do Espírito Santo, ao homem todo e a todos os homens para transformá-los desde o interior, de sorte que tenha eficácia histórica conforme a Palavra de Deus e o seu desígnio de salvação.

Quais os **critérios básicos** que devem iluminar a realidade onde se deve processar a ação evangelizadora? Eles nos foram dados pelo Papa João Paulo II no discurso de abertura de Puebla e assumidos pelos bispos no documento.

O primeiro critério é a pessoa e a mensagem de Cristo. Sua pessoa, suas atitudes e sua mensagem nos oferece uma luz para iluminar e compreendermos a realidade. Ele não fica alheio à história. Ele se encarna, assume o homem na sua realidade concreta da vida a fim de redimi-lo, pois só o que é assumido pode ser redimido. Ele comunga e participa no destino da humanidade e nos convida a idêntica atitude.

O segundo critério é a Igreja. Fiel a seu Mestre ela também deve procurar andar pelos caminhos dos homens e da história, numa mesma atitude encarnatória do Cristo. Aqui basta lembrar as palavras claras e marcantes com que a Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo hoje, no Vaticano II, começa no seu proêmio: "as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo, e não há reali-

dade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração..." (G.S. nº 1).

Puebla nada mais fez do que aplicar esta afirmação à realidade latino-americana.

O terceiro critério iluminador da realidade a ser evangelizada é **o homem**, enquanto filho de Deus e irmão de Jesus Cristo, portanto, irmão dos demais homens. Este homem dentro de uma visão antropológica cristã se apresenta portador de uma **dignidade humana** básica e como ser livre, daquela **liberdade** fundamental dos filhos de Deus. Portanto tudo o que fere e contradiz a dignidade humana e a sua liberdade atinge o homem como Deus o quis. Assim a dignidade e a liberdade humanas se tornam objeto do anúncio e o ferimento a elas objeto da denúncia dos cristãos em sua atividade de evangelização.

Se nós nos perguntamos sobre **o como evangelizar**, sobre os meios de evangelização, Puebla nos aponta: pela liturgia, pela oração, pelos valores da piedade popular, pelo testemunho, pela catequese, pela educação libertadora, pela comunicação social, pelo diálogo ecumênico. Portanto é amplo e múltiplo o instrumento da evangelização.

Se refletimos sobre **a quem compete evangelizar**, chega-se à conclusão que isto é, como já foi afirmado, tarefa de **todo o povo de Deus**. Como afirma Puebla no nº 680 e E.N. nº 66: na Igreja missionária existe uma grande diversidade de tarefas ou ministérios em vista à evangelização. O Espírito que anima e vivifica a Igreja, distribui, com efeito,

entre os seus membros dons diversos que os tornam aptos a assumirem diversas tarefas na grande missão evangelizadora da Igreja.

Cada um deles, bispos, sacerdotes, religiosos e leigos, deve assumir a comum missão de evangelizar segundo o próprio carisma, a própria vocação, o lugar próprio que ocupa no conjunto da Comunidade Eclesial.

Neste contexto, devido às características próprias da América Latina, as comunidades eclesiais de base se tornam agentes privilegiados de evangelização.

E finalmente nós poderíamos perguntar: **a quem evangelizar?** Ou perguntado de outra forma: **quais os desafios mais caracteristicamente missionários que deparamos na realidade latino-americana, que clamam pela atenção da Igreja?**

Segundo Puebla poderíamos resumir em 5 grupos:

— Em primeiro lugar os **próprios católicos**. Isto é: temos na América Latina uma grande massa de batizados na Igreja católica, mas cuja fé não é praticada, não é esclarecida, não é aprofundada, não é personalizada em compromissos cristãos.

Em seguida podemos apresentar as 4 situações que mais precisam de evangelização segundo Puebla:

— **Situações Permanentes** (nº 365): nossos indígenas e afro-americanos.

— **Situações Novas** (nº 366): que nascem de mudanças sócio-culturais e exigem uma outra evangelização: migrações (internas e externas); aglo-

merados urbanos; populações expostas a novas ideologias e seitas; poderíamos ainda acrescentar: o fim do regime de cristandade, onde a força da Igreja consiste na força de seus argumentos e na firmeza de convicção dos seus membros.

— **Situações particularmente difíceis** (nº 367): grupos cuja evangelização é urgente, mas muitas vezes adiada, ou não enfrentada adequadamente: os universitários, militares, operários, jovens, mundo da comunicação social, as elites, os menores abandonados, etc.

— **Abertura da América Latina para além de suas fronteiras** (Ad Gentes) (nº 368).

— Dar da nossa pobreza e necessidade de agentes de pastoral, a outros que igualmente precisam ou mesmo até precisam mais do que nós;

— dar de nossa originalidade eclesial e pastoral para enriquecer outras Igrejas com nosso sentido de salvação e libertação, nossas experiências das comunidades eclesiais de base, nosso trabalho no desabrochar dos ministérios, etc.

Aqui está um ponto importante, onde a Igreja na América Latina, sem deixar de se comprometer com a sua realidade desafiante e urgente, **tem um caminho e uma reflexão a fazer e que começa a ser feita.**

No dia 7 de fevereiro de 1980 se reuniram em Lima no Peru, um grupo de bispos, sacerdotes e religiosos sob a coordenação de Segundo Galilea preocupados com este item do documento de Puebla, que às vezes é esquecido pelas urgências imediatas da realidade latino-americana.

Entre outras coisas, num documento final eles nos interrogam: “uma Igreja não é plenamente missionária só pela missão “interna”: precisa abrir-se também à “missão externa”. Isto também é fruto da dinâmica do Espírito, que faz crescer e amadurecer a Igreja... Esta responsabilidade, às soleiras do terceiro milênio, adquire acentos muito graves. Daqui a pouco tempo com uma população mundial em que 80% serão não-cristãos, a metade dos católicos do mundo estarão na América Latina. Para a Ásia e a África, as Igrejas latino-americanas serão, no terceiro milênio, as interlocutoras e evangelizadoras mais válidas, não somente pelo número dos cristãos, como também por ser o nosso, um continente “irmão”, pobre, sem pretensões passadas colonizadoras...

Aqui a pergunta é: como abrir a Igreja latino-americana, a partir de sua realidade concreta, para sua responsabilidade universal?

De qualquer maneira podemos afirmar: a Igreja da América Latina é uma Igreja em estado de missão e que convoca a todos para a missão.

Porém como se apresenta esta missão, vista mais próxima de nós, em nossa pátria: o Brasil?

A realidade brasileira como desafio missionário

Olhando mais de perto e resumidamente para nossa realidade brasileira, podemos deparar com imensos desafios à nossa consciência missionária:

— temos assim as chamadas **regiões missionárias** que são aquelas

Igrejas particulares, prelazias ou dioceses, que ainda carecem de recursos externos, humanos e materiais, para uma vida eclesial autônoma.

Tomando uma estatística de 1977 (fornecida pelas prelazias à linha 2 da CNBB), portanto já modificada em alguns aspectos, contudo ainda válida quanto às tendências básicas, que é o que nos interessa, podemos constatar:

— a existência de 42 prelazias no Brasil, perfazendo a superfície de 5.185.711 km², e com uma média de 11.312 habitantes por sacerdote.

Isto nos indica uma superfície imensa, pouco povoada, com uma média relativamente pequena de habitantes por sacerdotes, contudo muito dispersos, o que torna o trabalho difícil e desgastante.

— Quanto aos sacerdotes (633) nascidos na prelazia, 31 (4,67%) dos quais 22 (3,3%) são seculares e 9 (1,48%) religiosos; de outras regiões brasileiras, 103 (15,54%) dos quais 26 (3,94%) são seculares e 77 (11,6%) religiosos; de outros países, 529 (79,9%) dos quais 104 (15,7%) são seculares e 425 (64,1%) religiosos.

Isto mostra uma outra realidade: a grande maioria dos sacerdotes que trabalham na região amazônica são estrangeiros; dos poucos brasileiros, é muito pequeno o número dos nascidos na própria prelazia.

Com relação às religiosas a situação era a seguinte: autóctones, 124 (10,9%); brasileiras, 747 (66,3%); estrangeiras, 257 (22,8%). Portanto a situação é bem melhor.

Com relação aos irmãos religiosos, o total era de 153, sendo 6 (3,9%) nascidos no lugar, 24 brasileiros (28,3%) e 73 estrangeiros (47,8%).

Com relação aos voluntários leigos o total era de 312, sendo 243 (77,9%) brasileiros e 69 (22,1%) estrangeiros.

Este quadro nos mostra uma carência grande de sacerdotes, principalmente brasileiros, e também de outros agentes de pastoral.

Aqui cabe uma observação: ano passado a Sagrada Congregação para o Clero enviou ao mundo inteiro um documento questionador: "normas diretivas para a colaboração das igrejas particulares entre si e especialmente para a melhor distribuição do clero no mundo". Este documento vem profundamente marcado por uma grande preocupação missionária: como partilhar melhor no mundo e entre as diversas igrejas locais as forças evangelizadoras?

No Brasil a CNBB e a CRB Nacional nomearam uma comissão mista "ad hoc" no sentido de estudar nossa realidade brasileira e apresentar sugestões quanto a este tema.

Como distribuir melhor as forças evangelizadoras no Brasil, e do Brasil? Há igrejas ricas em recursos humanos e materiais e igrejas pobres? É justa uma tal situação? O que se pode fazer dentro de uma preocupação genuinamente missionária?

— Outro forte desafio no Brasil são as assim chamadas **situações missionárias**. São ainda mais problemáticas, porque estão presentes em todo o Brasil.

Poderíamos citar:

— **lugares onde há carência de evangelizadores**, de ministros e meios próprios, seja por debilidade de vida cristã, seja por falta de adaptação da igreja que evangeliza;

— grupos humanos específicos entre os quais o evangelho ainda não foi adequadamente anunciado (indígenas, asiáticos, africanos);

— **situações de insuficiente maturidade da fé**, por falta de penetração da mesma na cultura particular local (Caboclos, ambientes rurais, afro-brasileiros, asiáticos que receberam o batismo sem suficiente preparação);

— **grupos humanos em profunda transformação** criando situações completamente novas, para a vida da igreja entre eles (operários migrantes, habitantes das periferias, novos aglomerados urbanos, etc.).

Neste contexto queremos chamar a atenção de modo particular para algumas "situações missionárias" peculiares: os povos indígenas, os afro-brasileiros, os povos ázio-brasileiros, as migrações internas e externas, o secularismo e novas seitas religiosas.

Finalmente é preciso mencionar um grande desafio missionário do Brasil: **sua abertura à catolicidade da Igreja**. Diante dos urgentes desafios e dificuldades que encontramos em nossa terra, vemos uma Igreja decididamente voltada para estes problemas, o que é fonte de muita esperança e alegria. Contudo corremos o risco de esquecer da dimensão de universalidade de nossa Igreja; corremos o risco de ficarmos voltados unicamente para os nossos problemas, esquecidos que há outros

povos que necessitam de nós e de quem poderíamos aprender.

A consciência missionária universal de nosso povo, de nossos agentes de pastoral ainda carece de crescimento. Ainda estamos por demais acostumados a receber e pouco propensos a dar, o que seria sinal de maturidade eclesial.

Uma estatística feita em 1980 pelo COMINA entre as Congregações Religiosas e Institutos missionários, apresentou o resultado global de 214 religiosas brasileiras no exterior e 108 sacerdotes e irmãos, incluídos aqueles presentes em sedes gerais em Roma.

Sem dúvida uma presença reduzida.

É verdade que se iniciou um intercâmbio de experiências pastorais e de ajuda inter-eclesial entre as igrejas do Brasil e da África, especialmente de língua portuguesa, à qual o Brasil tem uma dívida histórica.

Só temos a desejar que um tal intercâmbio se desenvolva cada vez mais.

Seria profundamente desejável e este anseio está presente em muitos grupos no Brasil preocupados com a formação da consciência missionária de nosso povo e de nossos agentes de pastoral, que nossos teólogos, que têm realizado um trabalho tão profundo e fundamental na conscientização da realidade angustiante de nossa gente, que clama por uma tomada de posição a partir de nossa fé em Jesus Cristo, continuassem a desenvolver também uma reflexão que abrisse perspectivas para uma ação missionária universal a partir de

nossa realidade brasileira e latino-americana. Seria uma continuidade às suas reflexões e seria uma contribuição valiosa que eles trariam para a caminhada da Igreja no Brasil.

Todas essas citações missionárias esperam uma resposta urgente, embora difícil de ser atendida, por parte dos evangelizadores.

Uma parada para a reflexão! E nós religiosos, que temos a ver com tudo isto?

A dimensão missionária da vida religiosa

Eis aqui um ponto que por sua importância merece ser refletido. Sem dúvida a dimensão missionária é um dos elementos básicos da vida religiosa. Puebla ao apresentar as 4 tendências básicas da vida religiosa: a experiência de Deus, a vida comunitária, a opção pelos pobres, coloca também a **inserção na Igreja particular**, isto é: **a dimensão missionária, como uma tendência básica da vida religiosa.**

É claro que esta dimensão missionária já está e deve estar presente em todas as outras tendências, pois todas elas são a maneira específica de os religiosos realizarem a sua missão.

Realçando alguns aspectos da **dimensão missionária da vida religiosa** podemos apresentar:

— A vida religiosa é fundamentalmente vida eclesial. Se a Igreja, como vimos, é **essencialmente missionária**, a vida religiosa o deve ser **imperiosamente.**

Aliás sabemos que a vida religiosa está mais para o aspecto carismá-

tico da Igreja do que para o hierárquico. E sabemos que este aspecto impulsiona a Igreja, na força do Espírito, a abrir caminhos novos, a perceber novos desafios e com confiança enfrentá-los, colocar Deus presente onde Ele corre o risco de ser mantido apenas por estruturas que matam, ou onde Ele já está totalmente ausente. Isto coloca de cheio a vida religiosa na sua dimensão missionária.

— Colocando a **vida religiosa dentro da missão da Igreja**, onde é seu lugar, pois a grande portadora da missão é a Igreja e nela os cristãos atuam de formas diversas, vemos que a Igreja não só é essencialmente missionária por natureza, mas cresce continuamente na consciência de sua missão no mundo.

Portanto a vida religiosa “vanguarda da Igreja” conforme Puebla, não pode não somente desconhecer os desafios missionários a esta Igreja, mas deve estar pronta a estar na frente, enfrentando por primeira estes desafios e indo abrindo caminhos para a penetração do evangelho.

Assim é com alegria que se constata a vida religiosa tomando consciência da missão da Igreja e colocando seu ideal comunitário nesta direção, formando inúmeras comunidades cristãs no meio do povo, constituindo células vivas do corpo da Igreja: comunidades fraternas que compartilham o seguimento de Jesus, alimentados pela oração comum e pela Eucaristia, sacramento do Reino de Deus para o mundo.

Insertam-se mais consciente e efetivamente na rede de comunidades da Igreja e ali procuram levar corresponsavelmente seu serviço específico para a realização histórica do

Reino. A missão da vida religiosa se entende então como um compartilhar, a partir dos carismas próprios; a missão evangelizadora e libertadora da Igreja; missão que por sua vez continua e atualiza a missão de Jesus, e constitui desde o chamado dos primeiros discípulos, uma dimensão prioritária do seguimento.

Nesta perspectiva e no contexto concreto de nossos povos, recobram particular relevo as dimensões essenciais e inseparáveis da vocação cristã: filhos de Deus e irmãos dos homens. Filiação e fraternidade, amor a Deus e amor ao próximo, que os religiosos se sentem urgidos a encarnar de forma particularmente radical e significativa, como testemunho e serviço transformador para o mundo dos homens.

— Acentuando sua dimensão evangelizadora cumpre lembrar aquilo que disse Puebla ao falar da **vida consagrada**: que ela é **evangelizadora por si mesma**, enquanto é vivida em comunhão e participação. Isto é: onde haja uma pessoa ou um grupo de pessoas que vivem em sinceridade sua entrega de vida a Deus, aí já se processa evangelização. Pois vida consagrada, como toda vida cristã, é fundamentalmente graça, dom de Deus: é a acolhida, com simplicidade de coração, do chamamento de Deus. Enquanto graça ela é e se caracteriza por uma frontal abertura para Deus e escuta de Deus.

Nesta perspectiva vida consagrada consiste: em nós permitirmos (entendido de forma ativa e não meramente passiva) que Deus seja bondoso para conosco e assim nos tornarmos sinal que Deus é bondoso para com todos os homens.

— Contudo o **fundamento mais imediato** da dimensão missionária da vida religiosa, se encontra na **própria consagração religiosa**, como ela o é entendida hoje, a saber: **como reserva e missão**.

Deus reserva pessoas para si, consagradas, porém não para retê-las, pois Deus não precisa das pessoas. Somos nós que precisamos de Deus. Deus no seu amor para conosco quer precisar dos homens, mas para quê? Para o serviço e em benefício dos próprios homens. Estes é que precisam de salvação. Então Deus chama e consagra pessoas para si, para enviá-las em missão ao mundo. Consagrados a Deus os religiosos devem saber-se enviados ao mundo com a missão de transformar o mundo com a marca de Deus. São enviados com a missão específica: ser sinal, ser presença de Deus no mundo; fazer com que o mundo seja segundo Deus.

Portanto a própria consagração religiosa contém em si uma dimensão missionária que lhe é essencial.

— **Os votos religiosos**, concretização da consagração a Deus, **devem** ser vistos então, também, dentro de seu dinamismo missionário, além de serem testemunho missionário pela sua simples vivência autêntica. Fundamentalmente o que pretende se conseguir pela pobreza, castidade e obediência? Quer se conseguir pessoas livres e disponíveis. É este o sentido profundo dos votos. Livres e disponíveis para quê? Para a missão que Deus confia a cada Congregação ou Instituto. Os votos devem ser encarados como condições excelentes para a missão, em função da missão, portanto. Eles

têm sentido e valor na medida que favorecem e criam as condições básicas para o cumprimento da missão.

— Dentro do dinamismo da Igreja e dos votos cumpre ressaltar a **missão profética e libertadora da vida religiosa**. Num continente e num país acentuadamente de pobres, o **voto de pobreza** deve ter uma dimensão profética e libertadora. Com a Igreja os religiosos são chamados a ouvir o clamor dos pobres. Muitos vão viver e trabalhar com eles, em pequenas comunidades que buscam inserir-se entre os trabalhadores e os marginalizados do campo e da cidade. Já no mundo dos pobres e caminhando com eles, descobrem debaixo de uma nova luz a miséria e as injustiças sociais, ao mesmo tempo que a acolhida e os valores do povo humilde. Com os pobres e a partir da ótica deles, contemplam serenamente o Evangelho e redescobrem o Jesus pobre. Assim compartilham a condição e a convivência deles, anunciam a Boa Nova e vão realizando sinais de libertação em seu favor.

Compreendem que no seguimento de Jesus é prioritária a missão de “anunciar o Evangelho aos pobres... curar os corações feridos... proclamar a misericórdia do Pai.”

Assim vão entrando na vida e na história do povo dos pobres; aprendendo a participar em seus sofrimentos, suas alegrias e esperanças; comprometendo-se com seus interesses e suas lutas.

Os votos de castidade e de obediência devem levar a uma vivência do amor às pessoas e de obediência ao Pai, que se concretizam no servi-

ço ao homem, ao povo. Esta é a missão da vida religiosa: estar a serviço do homem. Este serviço supõe **encarnação** na vida do povo que exige uma atenção contemplativa da vida deste mesmo povo, evangelizando e deixando-se evangelizar por ele; exige um conhecimento profundo dos sinais dos tempos. Este serviço supõe uma ação como a do **fermento** que quantitativamente pequeno, mas forte em qualidade, procura transformar a partir de dentro, lenta, perseverante e confiantemente o mundo em Reino de Deus.

Tudo isto em **seguimento e à luz de Jesus Cristo** que no seu amor e a serviço dos homens se encarnou e em obediência ao Pai assumiu sua missão de fermento e sinal do Reino de Deus na história dos homens.

— Finalmente ao apresentar os desafios da Igreja na América Latina e no Brasil, colocamos concretamente para a vida religiosa, em sua missionariedade, um quadro, um apelo que convida à ação.

Sabemos que **praticamente todas as Congregações surgiram de um impulso missionário**, sentido por um homem ou uma mulher, ou um grupo deles movidos pelo Espírito, para atender a uma necessidade premente da época. A história da vida religiosa prova isto em saciedade.

A missão da vida religiosa hoje continua a mesma. Olhar o quadro dos desafios prementes à Igreja e contemplar o impulso originário do surgimento das Congregações, com suas legítimas e valiosas tradições, para a partir daí, no hoje da Igreja escolher com novo entusiasmo e dedicação sua tarefa específica. Nin-

guém deve fazer de tudo. Cada qual precisa escolher a sua parte, "aquela que lhe será melhor". É escolhendo e atuando claramente numa linha própria que as Congregações estarão prestando o seu serviço à missão da Igreja. Os desafios são demasiadamente grandes, é preciso com coragem e humildade que cada Congregação comece a contribuir com a sua pequena gota no oceano de necessidades da missão da Igreja no mundo.

É a questão dos carismas. **Cada Congregação assumirá sua dimensão missionária dentro do carisma que lhe é próprio**, sem querer fazer de tudo, sem cobiçar o carisma do outro.

É atuando autêntica e decididamente na sua linha específica que estará ajudando à missão da Igreja no conjunto do povo de Deus. A nível pessoal e a nível eclesial nós precisamos uns dos outros.

Para o cumprimento desta sua missão as Congregações precisam renovar-se. E onde esta **renovação** se faz mais importante e eficaz é **no campo da formação**.

Lancemos aí um rápido olhar para percebermos, talvez, algumas pistas de caminhada.

A formação: preparação para a missão

Os questionamentos que a realidade da América Latina e brasileira e a renovação evangélica da Igreja vem propondo à vida religiosa, a levaram a novas formas de inserção entre os homens, a uma nova espiritualidade, a um sentido novo de

sua missão histórica e a uma revalorização da fraternidade. Tudo isto não podia deixar de traduzir-se em um forte questionamento e numa renovação da formação dos jovens que se iniciam na vida religiosa; renovação urgida, além disto, pelos novos valores e exigências da própria juventude.

Se quiséssemos resumir numa única frase os desafios à Igreja no Continente, poderíamos fazê-lo a partir de Puebla, como o fez a XII Assembleia Geral da CRB nacional: "Libertar para a comunhão e a participação".

E aplicando isto para o campo da formação encontramos na XVI Assembleia regional de São Paulo, algumas pistas valiosas para a sua concretização, na medida em que ela refletiu sobre o tema: "O processo de formação no libertar para a comunhão e participação".

Contudo como **pistas para uma formação que vá de encontro às necessidades missionárias de hoje**, poderíamos indicar as que seguem, porém com muita humildade e singeleza, pois sabedores das limitações e dificuldades que as acompanham:

— Uma primeira observação já começa a partir da **promoção vocacional**, que supõe um promotor que seja alguém que tenha sensibilidade para as realidades missionárias e apresentem estas realidades como apelos de Deus a serem concretizados nas diversas Congregações ou dioceses.

— A partir daí a **formação supõe um novo estilo de vida religiosa**, isto é: a vivência de maneira nova dos valores perenes da vida religiosa,

onde se deve acentuar algumas dimensões:

— **Necessidade de uma formação nova** se busca uma formação centrada no desenvolvimento integral da pessoa, evitando o espiritualismo e o intelectualismo; uma formação em comunidades fraternas, nas quais se cultive a comunicação mútua e o compartilhar; uma formação mais perto da vida do povo e mais consciente da realidade histórica, evitando o transplante de valores estrangeiros; uma formação inspirada numa **cristologia** que comprometa no seguimento de Jesus e se oriente para a missão profética e evangelizadora da Igreja; uma formação que ajude a contemplar e louvar a Deus que atua na história dos homens e a buscar comunitariamente Sua vontade; uma formação inspirada numa **eclesiologia** fundamentalmente centrada no povo de Deus que cultive a comunhão eclesial e o sentido do carisma da própria comunidade; uma formação para a catolicidade da Igreja e sua missão universal, a partir da realidade latino-americana.

Tudo isto exige a **busca** de uma formação intelectual — tanto humanística e social, como teológica e pastoral — a partir e em função da realidade histórica, a partir da missão.

— Comunidade Formadora

Hoje em dia e em função de um tal programa a formação não deveria estar entregue a uma única pessoa, mas ser tarefa de um grupo de formadores, onde haja entre eles a devida complementariedade.

Isto requer uma comunidade formadora capaz e em condição de

acompanhar nesta visão, o que se supõe um novo tipo de formadores que correspondam melhor às exigências da juventude atual.

Esta equipe de formadores, na prática, pode adquirir diversas formas. Importante é que haja diversidade de valores pessoais e intercongregacionais.

Esta caminhada supõe uma opção e uma compreensão e apoio de toda Província e mesmo de toda Congregação, e não pode ser uma questão isolada de grupos.

— Sentido mais eclesial na formação

A formação deve se processar dentro de uma perspectiva bem eclesial, se moldando à missão da Igreja.

Neste sentido está havendo uma formação melhor para o conhecimento da realidade eclesial, social e a inculturação, porque a vida religiosa tem de ser histórica e concreta, encarnada na América Latina e no Brasil como lugar de seguimento de Cristo, embora aberta às necessidades da Igreja Universal.

Neste contexto alguns conteúdos mais urgentes podem ser apontados para a formação: realidade brasileira, religiosidade popular, CEBs, teologia da libertação, espiritualidade, dimensão missionária e ecumênica da Igreja, desenvolvimento harmônico da personalidade, metodologia da ação pastoral.

Disto resulta que a formação religiosa seja orientada por um novo sentido de Igreja que se caracteriza por: um maior contato com a hierarquia; uma maior fidelidade às linhas do magistério; uma melhor in-

serção na pastoral de conjunto de diversas igrejas; um melhor serviço aos necessitados, e um maior compromisso com a justiça na perspectiva do Evangelho.

— Encarnação no povo de Deus

Esta encarnação se manifesta especialmente:

— no preparar para seguir Jesus Cristo: hoje e aqui;

— escolher um lugar modesto (não miserável) para estabelecer a casa de formação e evitar o isolamento das casas de formação: não só geográfico, mas também do saudável contato com a província;

— formação, na medida do possível e respeitando os diversos carismas, no próprio país, no próprio ambiente onde se irá trabalhar. Outra coisa será o complementar depois a formação, segundo atividades específicas a serem assumidas;

— conhecimento crítico e teórico da realidade e não apenas prático;

— se requer uma base teológica e escriturística sólida: não basta apenas ser piedoso ou entusiasmado, é preciso também solidez teológica, espiritual, e não apenas humana.

— Experiência apostólica na formação

Aqui o objetivo a ser alcançado é a integração entre evangelização (do homem integral) e promoção da justiça, onde, segundo a E.N., a promoção humana é parte integrante da evangelização.

Consequências: não separar a formação teórica e a formação para o

apostolado; o apostolado deve ser encarado como uma parte integrante da formação. Quer dizer: formar para ser apóstolo agora, e não como mero preparar para o futuro; a formação não seja só espiritualista ou intelectualista, mas integral; a formação leve em conta o preparar para o trabalho concreto a ser realizado mais tarde, conforme o carisma da Congregação ou Instituto.

Colocadas estas pistas para o trabalho da formação tendo em vista a realidade com seus desafios missionários, gostaria finalmente de propor alguns elementos a se levar em consideração, numa **espiritualidade missionária**. Isto porque acredito que nenhuma obra é levada avante sem uma mística que a sustente, assim também, não creio numa ação missionária duradoura e profunda, que não esteja solidificada numa mística, numa espiritualidade missionária.

Espiritualidade Missionária na formação e na vivência da vida religiosa

Sem uma sólida espiritualidade não se vive a dimensão missionária de nossa Consagração.

Ao falarmos de uma espiritualidade missionária estamos falando fundamentalmente de uma **espiritualidade encarnada**, isto é: uma espiritualidade ligada à realidade da vida, que leva à ação e que fundamenta a ação.

Este **agir missionário** deve estar alicerçado num "estar com Cristo", num "existir em Deus". Supõe, portanto, um homem de oração, de contato íntimo e pessoal com o Senhor.

Porém **toda espiritualidade deve tornar-se "carne"** numa determinada pessoa, numa Congregação concreta, para uma tarefa específica, numa época determinada.

Podemos entender a espiritualidade missionária num tríplice sentido: dimensão espiritual da evangelização; espiritualidade do apóstolo ou missionário; espiritualidade como resposta a uma situação atual.

Aqui quero entendê-la nos dois últimos sentidos, unindo-os.

O decreto "Ad Gentes" sublinhou as virtudes do missionário: fidelidade e generosidade à vocação, fortaleza, renúncia, pobreza, dom e entrega, comunhão, espírito de oração, etc.

A "Evangelii Nuntiandi" apresenta a novidade de enfrentar as situações atuais em que se encontra o evangelizador. O documento quer responder a uma série de problemas que somente podem ser defrontados com uma profunda espiritualidade missionária.

Toda a exortação, que recolhe as contribuições do sínodo episcopal de 1974, é um convite para **aprofundar a disponibilidade apostólica** que exige nossa época.

Assim como toda espiritualidade, também a missionária se baseia no **seguimento de Cristo**.

Anunciar o Evangelho equivale a encarná-lo na história. Isto exige uma permanente conversão ao Evangelho. É uma conversão que comporta etapas e crises, um êxodo permanente que nos conduz "a não sabemos onde" (Jo 3,8) arrancando-nos de nosso mundo em direção ao

mundo de Cristo, que é o mundo do "irmão" e do "irmão pobre".

Tal êxodo em direção ao mundo, ao "irmão pobre" não é somente privado, mas é do Instituto todo, de toda a Igreja.

Portanto é a Igreja, concretizada em cada Congregação e membro pessoal, iluminada pelo Evangelho, que deve sair de si mesma, transpondo suas fronteiras para **"procurar e salvar o que estava perdido"** (Lc 10,10).

A espiritualidade missionária no seguimento de Cristo supõe:

a) Uma atitude contínua de **conversão**: de maturidade cristã adquirida na experiência viva de nossa fraqueza e da força e da graça do Senhor.

Como Pedro, após a experiência de sua limitação: "— Senhor, tu sabes tudo, tu sabes que te amo". Essa conversão passa no contexto da América Latina por uma conversão ao irmão e pelo compromisso de entrega ao serviço dos mais pobres e necessitados.

b) Uma atitude de contínua **encarnação**: para a qual é preciso capacidade de despojamento e de renúncia. Trata-se de descobrir o verdadeiro rosto de Jesus e assim se descobrirá o verdadeiro rosto do homem. Trata-se de perceber a relação íntima entre a história da salvação e o nosso comprometer-se com a história do nosso tempo; perceber que a salvação da humanidade por Cristo passa através do nosso comprometimento com esta humanidade, como colaboradores do Cristo Redentor na história do homem, que é a história da salvação.

c) Uma atitude de contínua volta à oração. O missionário deve ser uma pessoa de oração, de intimidade com o Senhor.

Seguir a Jesus em seu amor ao irmão e ao pobre, a ponto de estar disposto a entregar a vida, não é resultado de puro esforço ou de decisão da vontade. Ser fiel a este seguimento, não só por um certo tempo ou impulsionado pela juventude ou o entusiasmo, mas sim por toda vida é algo que ultrapassa nossas possibilidades. Mas ocorre que "as coisas impossíveis aos homens, são possíveis a Deus". "Se conhecesseis o dom de Deus..." (Jo 4,10).

O que confere qualidade a qualquer compromisso é a mística que o anima, ou seja a motivação desse compromisso. Se não existe motivação profunda e uma mística estáv-l, o compromisso fenece.

Em outras palavras, se não nos nutirmos nas "fontes desta água viva", que é Cristo, pela oração, não podemos cumprir com nossa tarefa missionária.

d) Uma atitude de **confiança na ação do Espírito de Deus**. A convicção de que o Reino de Deus não se limita às dimensões da Igreja. O Reino de Deus, que abrange o mundo todo, é mais amplo que a Igreja.

Daí termos também uma tarefa extra-ecclesial: ir ao encontro dos homens que se acham fora da Igreja e que são chamados também a fazer parte do Reino de Deus. Esta convicção está fundamentada na ação do Espírito de Deus no mundo que "sopra onde quer" (Jo 3,8), e que conduz o cristão à ação confiando realmente que o Seu Espírito já po-

de estar presente lá onde nós não supomos encontrá-lo, como nos relata Núm 11,14-29 e Mc 9,38-40.

e) Atitude contínua de **aceitação da cruz** para permanecer fiel à sua vocação. Mais propriamente que uma espiritualidade da cruz, poderíamos falar de uma espiritualidade da fidelidade e do seguimento.

Jesus foi fiel, absolutamente fiel à missão que o Pai lhe confiou; livremente fiel (Jo 10,18). Esta fidelidade à sua vocação, missão, é que o colocou em situações conflitivas e dolorosas. A cruz é a prova do fogo da fidelidade (Lc 13,31-35). A cruz de Jesus, assim como a nossa, só tem sentido a partir da perspectiva da fidelidade a uma missão.

Isso nos leva a entender a cruz cristã a partir do seguimento de Jesus e de sua causa. Crucificado, Jesus ensinou a seus discípulos e a todas as gerações uma nova maneira de sofrer e morrer: no interior da fidelidade a uma causa. Assim a cruz e suas conseqüências, faz parte de uma espiritualidade missionária na medida em que ela é realidade inevitável na nossa luta pela causa de Deus no mundo (Mt 26,36-69).

f) Uma atitude de **contínuo êxodo**: que nos arranca de nossas seguranças e acomodações e nos conduz para uma terra nova que o Senhor no transcorrer da história, e dos caminhos de nossa vida e de nossas Congregações nos vai indicando. É um convite contínuo a caminhar, a sairmos de nós mesmos em direção

aos irmãos, passando pelo deserto, mas na força da promessa de Deus de alcançarmos a Terra Prometida. Neste contexto poderíamos falar de uma espiritualidade do êxodo.

g) E finalmente uma atitude de **profunda confiança** de que a fidelidade à nossa missão nos levará à verdade de nós mesmos e de nossa vida e isto nos tornará pessoas verdadeiramente livres e ressuscitadas. Isto é, nosso agir missionário deve estar fundamentado nesta confiança que: realizando nossa vocação, a vocação para a qual fomos escolhidos, nós estaremos correspondendo à expectativa de Deus para com nossa pessoa e a nossa individualidade, e estaremos correspondendo ao sentido da nossa existência, também como comunidade ou Congregação, isto é, estaremos correspondendo vivencialmente à verdade de nossa pessoa e de nossa existência; e isto nos tornará **pessoas realmente realizadas e livres**.

Esta verdade está fundamentada na fé e na confiança que depositamos na palavra do Senhor.

Conclusão

Foi nosso propósito neste artigo relembrar à vida religiosa sua dimensão missionária fundamental na Igreja, a partir dos desafios concretos da América Latina e do Brasil; e que isto deve levar as Congregações a pensar a formação a partir da missão, com atenção especial a uma espiritualidade missionária.

Saraiva Martins, palestra proferida na IX Assembléia Geral do Comina em Brasília de 2 a 5/12/80. (2) O documento de Puebla (uma tentativa de síntese);

BIBLIOGRAFIA

(1) A missão universal da Igreja e a nossa responsabilidade missionária; Pe.

D. Aloísio Lorscheider, XVII Assembléia Geral da CNBB, Itaiç, 18 a 27/04/79. (3) **A evangelização no presente e no futuro da América Latina**, Ed. Loyola, 1979. (4) **A Igreja latino-americana e a missão "Ad Gentes"**, documento elaborado em Lima, Peru, no dia 07/02/81. (5) **Panorama missionário do Brasil**, Pe. Gaetano Maiello, Assessor da linha missionária da CNBB. (6) **Experiência latino-americana de vida religiosa, 1959/79**, Colecion CLAR, nº 42. (7) **Tendências da Vida Religiosa na América Latina**, Pe. Carlos Palmés, palestra proferida na Assembléia da CRB/SP no dia 07/10/79. (8) **Espiritualidade da libertação**, Segundo Galilea, Ed. Vozes, 1975. (9) **A atividade missionária da Igreja "Ad Gentes"**, Ed. Vozes, 1968. (10) **A evangelização no mundo contemporâneo (E.N.)**, Ed. Loyola, 1976.

Indignação ética face à pobreza que Deus não quer

Comprovamos como o mais devastador e humilhante flagelo a situação de pobreza humana em que vivem milhões de latino-americanos, **Documento de Puebla, (DP), nº 29.**

A Igreja, por força de autêntico compromisso evangélico, deve fazer ouvir a sua voz denunciando e condenando estas situações, sobretudo quando os governos responsáveis se confessam cristãos, **DP, nº 43.**

As profundas diferenças sociais, a extrema pobreza e a violação dos direitos humanos, que ocorrem em muitas regiões, são desafios lançados à evangelização, **DP, nº 90.**

As situações de injustiça e de pobreza extrema são um sinal acusador de que a fé não teve a força necessária, **DP, nº 437.**

A imensa maioria de nossos irmãos continua vivendo em situação de pobreza e de miséria que se vem agravando, **DP, nº 1135.**

Nos pobres está presente o Servo Sofredor Jesus Cristo

Esta situação de extrema pobreza generalizada adquire na vida real, feições concretíssimas, nas quais deveríamos reconhecer as **feições sofredoras de Cristo**, o Senhor que nos interpela e questiona (**DP, nº 31**) e que quis identificar-se, num gesto de ternura particular, com os mais pobres e os mais fracos (**DP, nº 196**). Feições de crianças (**DP, 32**); feições de jovens (**DP, 33**); feições de indígenas (**DP, 34**); feições de camponeses (**DP, 35**); feições de oprimidos (**DP, 36**); feições de subempregados, desempregados, despedidos (**DP, 37**); feições de marginalizados (**DP, 38**); feições de anciãos (**DP, 39**).

A FORMAÇÃO PARA A ORAÇÃO PESSOAL E COMUNITÁRIA

*Nada é mais formativo para a oração de cada um
do que a atitude de oração de todos nós.
Uma comunidade onde todos rezam ajuda muito
a que reze cada um. E quando cada um
reza não é tão difícil encontrar-se para rezar.*

Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ

Rio de Janeiro, RJ

Vejo pelo menos dois modos de abordar este tema que me foi proposto. O primeiro seria focalizar métodos e técnicas que ajudam a desenvolver e aprimorar o exercício da oração. O segundo, tentar descobrir, a partir daquilo mesmo que é a oração, alguns critérios e atitudes de fundo sobre os quais alicerçar uma vida de verdadeira oração pessoal e comunitária. Vamos tomar este segundo caminho. Ele tem sido menos trilhado.

Oração, nem tarefa, nem compromisso

Oração não é tarefa. Dever a ser cumprido. Algo a ser feito. Uma concepção legalista da oração permeou, por certo, a tradição espiritual da Igreja e o quotidiano de muitas pessoas, ordens e congregações religiosas. Insistia-se sobre coisas a fazer. Quanta influência

esta mentalidade teve até há bem pouco tempo. Ela se traduzia em seu próprio vocabulário. Devia-se “recitar” o ofício, “dizer” a missa, “fazer” a oração ou meditação. Tudo isto impregnava também a formação, com tanto mais razão, quanto a preocupação não era só com que as “práticas de piedade” se fizessem. Havia ainda uma obsessão do pormenor quanto ao modo, ao método de executá-las. Certamente as duas dimensões são importantes em nossa vida humana, tão relutante e frágil no que toca o bem. Devemos ser urgidos. Precisamos ser instruídos. Mas, não deve ser este o enfoque primordial nem dominante da vida de oração ou da formação para ela.

Oração tampouco é compromisso. Algo assim como o resultado bilateral de um contrato, um pacto, uma transação. Encontra-se muito esta concepção nas formas quanti-

tativas de oração: para obter tal graça devemos cumprir tais requisitos. Preenchidas fórmulas e condições, deve seguir-se o efeito, da parte de Deus. Daí a preocupação com as falhas, a falta de continuidade, o esquecimento, a não fidelidade ao tempo ou ao número prescrito. Daí, não menos, a frustração, o desalento, a crise ou até mesmo a revolta, quando não alcançado o resultado. Também aqui é preciso dizer: em nossa vida de oração haverá sempre um elemento de compromisso. Mas não é no sentido acima referido. É o compromisso de fidelidade profunda, que decorre do relacionamento inter-pessoal.

Oração, resposta pessoal à presença de Deus

Sim, porque oração é resposta pessoal à presença de Deus. Oração é comunicação íntima de amor entre Deus e mim. Oração é em mim a acolhida do dom de Deus, a abertura para Deus, a certeza que tenho, na fé, de Sua vida, de Sua ação, de Seu amor. E porque Deus é AMOR e amor não se compreende sem comunhão de pessoas, a oração traz consigo o compromisso de viver e crescer na comunhão. Como o Deus que se nos revelou em e por Jesus Cristo estendeu nele Sua comunhão a todos os homens, criando-nos e libertando-nos, a oração cristã, mesmo a mais íntima e pessoal, não se compreende fora do contexto de comunhão com meus irmãos e irmãs. Mais ainda do que isso. O amor do próximo é para o Deus de Jesus Cristo mediação incontornável de nosso amor a Ele. Sem passar por aí, nossa relação

orante com Deus não é por Ele reconhecida nem aceita. A oração, portanto, é algo intimamente ligado à vida, ao sentido mesmo da nossa vida. Ela se nos torna tão necessária como o ar, a luz, o alimento, a água, estas coisas simples e imediatas, fundamentais para que a vida exista.

A oração, na vida como na formação para ela, não se fará, portanto, sem uma forte consciência desta interrelação vital, sem a **atenção no amor à realidade de Deus, de mim mesmo e dos meus irmãos**. É isto o que devemos sublinhar na formação para a oração pessoal e comunitária. É isto o que nos deve alimentar na vida de oração.

Atenção à realidade de Deus

Aqui está o cerne da educação para a vida. E deveria nascer conosco quando começa a vida. O ato mesmo de amor de nossos pais pelo qual nos abrimos para a vida é, a um tempo, instrumento e passagem indispensável para que a vida nos seja dada. Mas é, não menos, revelação liminar e maravilhosa d'Aquela que nô-la dá. Em toda forma de amor, há latente uma orientação de fundo para o Deus que é amor. Porque o verdadeiro amor é sempre saída de si e abertura para o outro. Mas nenhum outro é resposta plena senão Deus. Todos os grandes e pequenos outros em nosso horizonte são etapas na caminhada para Ele. São marcos que assinalam o roteiro. Apelos que nos levam a prosseguir.

A formação para a oração deve ter, portanto, raízes fundas, tecidas

na fibra mesma de nossa existência. Quando a Igreja recorda aos pais e padrinhos, no batismo, sua missão de educar a criança na fé é sobretudo disto que ela está falando. De dar ao novo e pequenino ser, pela vida e pela palavra, a certeza deste Deus que é e que ama. Não deve ser outra a missão primeira da comunidade formadora — seja ela sacerdotal, religiosa ou leiga — e daqueles que nela mais de perto vão acompanhar os que a ela se encaminham.

Sem dúvida, a certeza de Deus é algo que se vive mais e se explica menos. É claro, porque ela não é termo de um esforço, resultado de um exercício, conquista de um método. Ela é DOM. Um presente simples e pleno, gratuito e imprevisível, do próprio Deus que se dá. O que ela supõe é uma atitude de atenção, de procura, de escuta e de acolhida, para que, uma vez lançado, como a semente da parábola, o dom possa frutificar. Tudo mais é o dinamismo do crescimento. Ele se nutre da mútua fecundação no amor. Quanto mais próximos de Deus, tanto mais certos dele, mais ricos desta Sua vida, que é amor.

A formação, pois, para a oração, mais do que centrar-se sobre o modo ou sobre a ação, deve ocupar-se, por primeiro, com que haja na comunidade formadora espaço para que Deus se faça dom, a cada pessoa, principalmente a quem vem em busca sobretudo dELE. Nada disto tem época para começar. Todo dia é tempo. É infância qualquer idade. Por isso, o dom de Deus se filtra em cada um para todos e em todos para cada um. Não deveria haver,

pois, grande diferença entre a formação básica para a oração pessoal ou comunitária. Eliminadas as barreiras que o estilo de vida cristã e religiosa colocava outrora entre as pessoas, fechando-as sobre si e umas às outras, a íntima oração de cada um, como acolhida do dom de Deus e resposta pessoal à Sua presença, deveria ser o melhor caminho para identificar nos outros o mesmo dom e responder neles e com eles à presença do Senhor. Em outras palavras, em base à natureza mesma da oração, quem reza bem pessoalmente sentir-se-á não menos bem rezando com os outros. No estágio de vida eclesial e religiosa em que ora nos encontramos, creio mesmo poder dizer que dificilmente se edificará uma comunidade no sentido pleno desta palavra, se os seus membros não chegarem a partilhar na oração a comunhão profunda que entre eles potencialmente estabelece a certeza deste dom de Deus.

Como se revela o dom de Deus? É tão fácil e tão difícil dizê-lo. À beira do poço de Jacó, Jesus, que se fazia dom, tentou criar na Samaritana o desejo de acolher o dom: ... se conhecesses o DOM de Deus... E quando ela quis apelar, na sua resposta, para quantificar e localizar Deus — ... é em Jerusalém ou sobre este monte?... — Jesus lhe disse que é sobretudo em nós que Ele se manifesta. Ele é um Deus vivo para pessoas que vivem, na retidão da verdade que é a realização do amor. A estas Ele fala, como o fez a Jesus Cristo e, por Ele, a nós, de muitos modos. Por isso, a escuta da palavra de Deus, com um coração sincero e simples, nos abre para o dom, para conhe-

cê-lo e para amá-lo. Muito mais, portanto, do que às práticas, às fórmulas, aos textos, a formação para a oração deve encaminhar-nos, como Deus conduziu a Samaritana, ao contato na fé com o próprio Jesus Cristo, que é o caminho e a verdade. Ele tem as palavras de Vida. Ele nos ensina o que aprendeu do Pai. Ele nos dá o Espírito que nos fará entender tudo o que por Ele nos foi dito. A caminhada, pois, se fará caminhando. É orando que a gente aprende a orar. E é partilhando ... e na oração que Deus nos educa, pela oração dos outros, a descobri-Lo de muitos modos que não são os nossos. Em cada irmão ou irmã, vive para nós a promessa silenciosa e imprevisível de uma nova epifania do Senhor.

Nada existe de tão surpreendente como constatar na oração que a Palavra de Deus que nos é dada em Jesus Cristo e, por Ele, na Escritura, vestida que está culturalmente para o seu tempo, é, no entanto, sempre nova e não tem tempo. Tudo, pois, que nos ajuda para conhecer a fundo a Escritura é parte da formação para a oração. Mas nunca o estudo substituirá o contato vivo de Deus e das pessoas que na oração se faz escuta da Palavra. Ela é dita ali, na novidade singular e expressa agora de um novo amor. Ela se ajuda, sim, mas pode, sem mais, prescindir do estudo. Não foi aos grandes e sim aos pequeninos que Deus quis, por primeiro, revelar-se. É por isso também que, a oração em comum, não é o saber que conta, mas o viver e partilhar com os irmãos e irmãs, a palavra acolhida na certeza do amor. Por isso também, o mais importante não

é bem o que eu digo, mas é o próprio dizer, na medida em que, por um lado, ele é crer no Deus que fala em mim e por mim e, por outro, é abrir-me ao amor dos meus irmãos, com a total confiança de ser aceito. Partilhar na oração é a um tempo ser pobre e amar.

Atenção à realidade de mim mesmo

Este Deus que me ama, na verdade me ama como eu sou. Ele me chama pelo nome. Não tem ilusões sobre a qualidade de minha resposta no amor. O que é bom, o que vale em mim, é vestígio de Sua bondade. Meu limite é promessa e certeza de Seu perdão. E o que é o perdão senão a mais difícil das versões do amor? Sou eu, portanto, na mescla sutil e incoerente de valores e limites, que a Ele me apresento, certo de ser sempre aceito. Sua presença a mim se alimenta desta Fé. Minha presença a Ele se nutre da Esperança. O encontro entre nós é afirmação do Amor. Toda oração tem assim raiz teologal. Edifica o Amor sobre o fundamento da Esperança e da Fé. Mas todo amor ao nosso Deus traz consigo a marca da Trindade. De fato, Deus não só ama e é amado. Ele se revelou como aquele que É AMOR. Ele é, portanto, COMUNHÃO. Amor mesmo não supõe sempre mais de uma pessoa? Sabemos que são duas: o Pai e o Filho. Mas é também pessoa viva o amor que entre eles subsiste: o Espírito. Toda oração, pois, enquanto é dom do amor de Deus a nós, introduz na plenitude trinitária desta comunhão a pobreza viva que somos na nossa resposta de

amor. E é por aí que a oração nos abre, de certo modo, para o máximo de nós mesmos. Sim, porque ela plenifica em nós o alcance total do limite que nós somos.

A formação para a oração, mais que preocupar-se com modificá-los, deve ajudar-nos a descobrir-nos sem enganos, a aceitar-nos, a estar em paz conosco, a amar-nos a nós mesmos. Isto é fonte primeira de liberdade interior, sem a qual não se caminha para a verdadeira oração. O Deus que se fará presente a nós é, na verdade, o mesmo que nos teceu no seio de nossa mãe. Ele nos sonda e nos conhece. De longe nos penetra os pensamentos. Para este Deus, cada um de nós, naquilo que é, é obra Sua, é a Sua maravilha. Diante dos homens, podemos disfarçar-nos. Diante do Senhor, somos o que somos. E é assim que Ele nos quer. Não é, pois, primordialmente dos formadores a iniciativa de modelá-los. Eles serão, por certo, testemunhas ativas de como o próprio Deus nos molda, nesta escola de verdade e liberdade, que é a oração na vida e a vida na oração.

Deus não é inerte em nós. Na medida em que Lhe respondemos no amor, Ele trabalha no mais profundo de nós mesmos. A comunidade formadora deve sobretudo criar clima em nós para esta ação de Deus. Há de acompanhá-la, sem dispersá-la. Não cabe, por certo, a ela ditar o ritmo a Deus e a mim, mas seguir atenta e agradecida o mistério deste encontro, pois Ele, sim, é quem nos plasma e nos transforma.

Nada disso será possível, se a ação de Deus em mim não se fizer de algum modo acessível aos outros. Ela o será pela própria realidade do meu ser que cresce em Deus. Ela o será pelo impulso de Deus em mim, no sentido de que eu acolha e sirva os meus irmãos. Mas ela o será, não menos, porque, na transparência da simplicidade, eu lhes falarei d'Aquele que me ama e do que Ele realiza em mim. Porque Ele olha constantemente para a humildade do que sou e faz em mim maravilhas.

Uma vez mais, não há, no fundo, muita distinção entre formar para a oração pessoal ou comunitária. A oração pessoal, assim como indicada acima, é a melhor preparação para que se faça verdadeira a oração numa comunidade de fé. Minha conversão e crescimento interior é, de algum modo, santificação de minha comunidade. Fundamental é que eu seja diante dos irmãos aquele que sou diante do Senhor. As resistências que entre nós se levantam geram-se, não raro, na desarticulação entre o que somos e o que queremos ser. Há uma tentação sutil que temos todos: a de parecer o que não somos. Distila-se aí uma gota de mentira que contamina nossa transparência a Deus e vicia entre nós a viabilidade mesma da convivência na oração.

Atenção à realidade dos meus irmãos e irmãs

Nós somos como as plantas. No início da quaresma deste ano, ao impormos as cinzas na quarta-feira, um colega de comunidade teve a idéia de preparar para cada um de

nós um pequeno vaso com terra. Ao concluir a missa, ele nos disse: o caminho que vai de hoje até à Páscoa é uma jornada de vida que passa pela morte. A semente é um bom símbolo deste mistério. E ali mesmo, ainda no altar, cada um de nós ganhou uma sementinha e a plantou. Cuidei com carinho da minha semente. Uma semana depois, tendo morrido no silêncio da terra, ela apontou viva num raminho verde. Dei-lhe água, sol, terra nova... Em quatro semanas, eram já dez ramos e uma folha em cada ponta. Surgiu pouco depois a primeira flor, afirmação de vida e promessa de nova vida. Mas houve também entre nós quem se esquecesse da semente. E ela não nasceu. Outros se lembraram. Mas, nascida a plantinha, não lhe deram atenção. E ela nasceu para logo morrer. Outros, enfim, deram-lhe água, mas privaram-na de luz. E ela lutou por esta luz. Gastou na luta sua reserva de energia. E outros ramos não vieram. Os dois primeiros que surgiram contorceram-se num tropismo desesperado. Desfiguraram a planta e não produziram flor. A vida surgiu neles, mas com eles terminou.

É assim conosco na oração. Traçamos em nós a semente da vida. Mas dependemos dos outros para que a vida floresça. Nada é mais formativo para a oração de cada um do que a atitude de oração de todos nós. Uma comunidade onde todos rezam ajuda muito a que reze cada um. E quando cada um reza, não é tão difícil encontrar-se para rezar. Porque, na verdadeira oração, nós morremos como a semente

e nos fazemos vida para os outros. Quanto mais clima encontrarmos neles, tanto mais vida desabrocha em nós.

Este tema da VIDA é uma das grandes novidades de Jesus Cristo. Ele que é a VIDA, veio para que tenhamos Vida e a tenhamos em abundância. Toda vida é sinal de Deus. É, portanto, vestígio de amor. Dando por nós a sua vida, Jesus indicou o sentido da nossa. Porque prova de amor maior não há do que dar a vida pelo irmão. E os irmãos são no Evangelho sobretudo os que mais precisam: os cegos, os coxos, os paralíticos, os enfermos de todo tipo... os esquecidos e os enjeitados, os que não têm vez e não têm voz, os pequeninos e os abandonados... Os irmãos são, pois, os pobres sob qualquer forma. Aqueles que, como a semente, sem mim não terão vida. Mas aqueles que são o caminho para que eu também possa ter vida. Porque é neles, que eu vejo, que encontrarei Deus, que não vejo. E tudo então o que eu fizer por eles estarei fazendo por Jesus que vive neles.

Numa perspectiva evangélica, toda verdadeira oração desabrocha necessariamente numa atenção aos outros e afeição por eles. É por isso que a inspiração de justiça, na perspectiva cristã, vai muito além da tentativa pagã ou ainda puramente secular, de estabelecer a equidade e o mero respeito dos direitos. Ela é o impulso imperativo para traduzir em amor e em vida as relações sociais entre os homens. E isto fala de igualdade, de fraternidade, numa comunidade justa e livre, onde todos possam fazer desabrochar to-

do o seu potencial de vida e realizar na verdade a justiça, sem a qual não se compreende o amor.

Toda oração, pois, longe de ser uma alienação intimista, é realimentação incontida de compromissos concretos para que todos tenham vida e a tenham em abundância. Formar, pois, para a oração é ajudar a pessoa a abrir-se para os outros. É fazê-la crescer no conhecimento existencial dos irmãos. É deixar ecoar nela, como em nós, todos os anseios de vida, que não chegarão a fazer-se vida sem nosso envolvimento e participação efetivos. Toda oração, portanto, pela força mesma de seu dinamismo interno, acaba sendo consagração **do** mundo. Porque tudo o que vivem os meus irmãos será visto nesta perspectiva de construção da verdade, da justiça, do amor e, por conseguinte, de radical transformação do mundo. Ela é incontornável, porque a realidade traz marcas profundas de pecado. São todas as formas de falta de água, de luz, de terra e de tudo o mais que afeta a semente. Matam a vida nas pessoas ou as obrigam a tropismos lancinantes que esgotam ou limitam nelas o potencial de vida. Perceber isto leva necessariamente ao compromisso. E então, toda oração se faz também fonte fecunda de consagração **pelo** mundo. A força de Deus naquele ou naquela que ora vai alimentar nela ou nele esta constante doação da própria vida pela vida dos irmãos. Para que todos tenham vida e a tenham em abundância.

É somente neste contexto de **VIDA** que podemos entender também a exigência cristã de amar até mesmo os inimigos. Enquanto só amamos os amigos, circula entre nós uma afinidade de seiva. Mas amar o inimigo é morrer primeiro como condição de vida. É assumir no amor esta forma quase mortal de vida que é o perdão. Mas é daí que nasce a nova vida, tanto em mim como naquele que se me opunha. E se não chegarmos lá pela força da oração, não fomos além da marca que atingem também os que não conhecem Deus, este Deus que é amor e que nos amou primeiro, sendo nós inimigos e enquanto ainda o éramos.

Conclusão

Como indiquei no início, mais do que desenvolver técnicas e métodos de formação para a oração pessoal e comunitária, o que pretendi neste artigo foi apontar algumas atitudes e condições fundamentais para que simplesmente a oração exista. Tentei assinalar ainda algumas orientações de base que se fazem critérios para reconhecer a verdadeira oração. Longe das disputas estéreis sobre a dicotomia entre oração pessoal e oração comunitária; longe da fantasiosa pretensão de extinguir uma em favor da outra; longe da irrealista posição de que uma substitui a outra e, portanto, a dispensa, penso ter deixado claro que cada uma tem a sua identidade, mas encontra sua plenitude numa abertura constante sobre a outra e numa efetiva complementação **recíproca**.

A INSERÇÃO E SUAS TENTATÕES

*É difícil expor e expressar o que se vive.
É duro arriscar a própria intimidade abrindo-a
a pessoas que não compreendem o processo.
É problemático propalar uma espiritualidade
julgada e condenada à morte no
prazo de alguns anos pelos técnicos da psicologia.*

Pe. Benjamin Gonzalez Buelta, SJ

República Dominicana

Tradução da Irmã Isabel Fontes Leal Ferreira

Durante os últimos anos temos sido testemunhas ou protagonistas do êxodo de grupos religiosos para os bairros marginalizados. O êxodo para a marginalidade nasceu sob o signo da contradição. Para uns apresentava-se como uma miragem. Para outros abria-se para a esperança de encontrar uma terra onde pudessem responder ao desafio da opressão, e onde, ao mesmo tempo, podia nascer uma vida religiosa mais comprometida.

No entanto, este êxodo nada mais era senão a face externa de uma peregrinação íntima, em que as pessoas arriscam sua subjetividade diante de forças poderosas que vão invadindo as profundezas da pessoa, às vezes com a crueza de um golpe, outras com a suavidade de uma sedução.

Trata-se de uma páscoa sem testemunhas. É difícil expor e expressar o que se vive, é duro arriscar a própria intimidade abrindo-a a pessoas que não compreendem o processo. É problemático propalar uma espiritualidade julgada por autoridades eclesásticas antes de ser ouvida, e condenada à morte no prazo de alguns anos pelos técnicos da psicologia.

Como toda vida humana que surge, estes grupos foram conquistando espaço para seu entusiasmo criador, tateando em meio a pressões fortes que vinham de dentro e de fora. Em alguns casos, estas opções não nasciam no fim de um processo maduro de opção pelo pobre, mas de uma rejeição explicável, mas insuficiente, de velhas estruturas religiosas sob as quais se havia sofrido. A nova situa-

ção revelou, por vezes, zonas da personalidade que não eram tão consistentes. Assim, as crises, os conflitos, as perdas de pessoas trouxeram dúvidas e sofrimentos para todos.

Mas as lutas e feridas que deixam cicatrizes para toda a vida, o intercâmbio entre grupos acumularam um peso inegável no percurso de todo este caminho. A força do Espírito, que se manifesta com intensidade nas comunidades de oprimidos, vem-nos salvando a todos e ajudando-nos a encontrar os caminhos concretos desta opção. Hoje este caminho já nos parece possível e cheio de esperança.

Toda vida humana passa pela tentação. Às vezes, somos tentados pelos próprios fantasmas que todos trazemos dentro de nós. Por vezes somos tentados por causa da limitação dos projetos nascidos de *n o s s a s* mãos, ou por causa da boa vontade dos que nos querem ajudar, mas não compreendem bem o que vivemos. Outras vezes a tentação procede da obscuridade em meio da qual, com frequência, a vida do justo se realiza na história de sua entrega ao projeto de Deus.

Penso que possa ser útil esclarecermos o mais possível as tentações que ameaçam esta vida exposta. As soluções concretas são difíceis, mas as interrogações que nos obrigam a buscar esclarecimentos podem ajudar-nos.

As tentações de Jesus no deserto, que permanecerão durante toda a sua vida, podem servir de pano de fundo sobre o qual devemos ler a *nossa* própria situação.

I. Eficácia e ritmo da pessoa

Ainda se acha muito presente a acusação de ineficácia que pesa sobre o amor cristão diante dos mecanismos *s o c i a i s* que dinamizam e mantêm estruturas de opressão.

É verdade que o amor não se esgota no “ser para o outro” dentro de um projeto histórico concreto, mas antes exige também o “ser com o outro” criando espaços de comunhão. Entretanto, ainda necessitamos percorrer um longo caminho para que o amor cristão encontre uma articulação concreta e ativa, a ponto de tornar-se eficaz na solidariedade com o pobre. Deve ser um amor eficaz na história, um amor que realmente transforme pessoas e estruturas; um amor universal, que chegue ao amor inteligente, aberto e combativo em face do inimigo que oprime; um amor situado no meio dos oprimidos, e, portanto, preferencial, claro e inevitavelmente conflitante dentro de um contexto histórico concreto.

A comunidade religiosa inserida vê-se pressionada no sentido de chegar à eficácia diante da inesgotável miséria do bairro, atingido por um despojamento contínuo que lhe é imposto por mecanismos de opressão cada vez mais estudados e sofisticados.

Somos desafiados para a eficácia pelos que no-la pedem por causa de opções políticas de libertação alheias à fé, e diante daqueles a quem queremos anunciar com *n o s s a* práxis um evangelho digno de credibilidade.

Somos questionados pelos setores eclesiais que, não se havendo desli-

gado ainda dos velhos critérios de eficácia constável através de números, instituições e edifícios, procuram medir este caminho com as mesmas medidas envelhecidas que não se ajustam tanto à nova Igreja.

Também somos sutilmente desafiados pelas profundezas de nossa própria pessoa, que ainda não está suficientemente esclarecida e situada.

No entanto, tudo o que represente busca de um tipo de eficácia que tente, consciente ou inconscientemente, responder a outros, ou demonstrar algo a nós mesmos, não equivale a entrar em processos que podem falsificar a realidade dos oprimidos, e que entram em contradição mais ou menos perturbadora com nosso projeto original, e com nossa verdade profunda?

Por outro lado, os processos de libertação às vezes dão a impressão de que enveredam por marasmos sem horizontes e sem movimento. Em outras ocasiões, os dinamismos sócio-políticos desencadeiam-se como ciclones incontrolláveis de futuro imprevisível. Quando estamos acostumados a processos limpos e desinfectados, quando pretendemos dominar cada objeto não identificado que aparece em nosso firmamento ou fora de nossos roteiros de viagem, veremos inevitavelmente impelidos a viver processos onde a pessoa parece ser levada, arrastada para situações em que sempre fica difícil constatar uma eficácia onde cada um possa apoiar e instalar um desejo que ainda não realizou a sua páscoa.

Ao longo dos anos assim perdidos, não existe o perigo de a pessoa "queimar-se"? Porventura não co-

nhecemos muitos trabalhadores sociais e religiosos, nos quais se rompe ou se desintegra algo de sua afetividade profunda, fato que os transforma em pessoas sem ânimo, de convivência difícil e irrecuperáveis para enfrentarem o risco diante de algo novo...? E que fazemos então?

É inegável que, quando a pessoa cede à primeira tentação, ela pode entrar no ritmo de um processo desenfreado que a desvie de seu caminho. Estas tentações são capazes de transformar o grupo numa falange de heróis, de comandos sempre preparados para um assalto, vivendo em grau máximo a resistência, em meio a tensões difíceis de manter, e podem elas ainda envolver as pessoas em compromissos que se queimam a curto prazo, isto é, que duram pouco ou pouquíssimo e, com isto, fazem voltar tudo à estaca zero, acarretando a decepção das pessoas que descobriram algo que não conseguem viver. E, em muitos casos, requer-se muito tempo para tomar distância e analisar o que já se viveu e, depois, saber situar-se novamente.

É fundamental reconhecer concretamente em cada grupo onde se acham as tentações de eficácia. É necessário esclarecer os processos que se vivem, em vez de se contentar com fitar simplesmente o horizonte de nossa utopia: é preciso olhar também o caminho concreto e o caminante, cada um de nós e os que se vão comprometendo conosco.

Por outro lado, nestas situações extremas, a afetividade vê-se rudemente ferida, e é impossível continuar vivendo com coerência sem re-

conhecer, diante dos outros e diante de si mesmo, os impactos que a massacram. Quando se pode dialogar serenamente em meio do projeto de libertação que polariza toda a criatividade da pessoa, ao orar com toda a pessoa ferida ou agradecida e não apenas com o cérebro, quando se criam nas pessoas e nos grupos símbolos que exprimem esta vida nova, quando aparece na contemplação o novo que Deus opera na pessoa reconciliada, então esta tentativa de eficácia começa a ser vencida.

Os grupos e as pessoas, como as construções submetidas a grandes mudanças de temperatura, necessitam deixar em suas estruturas "juntas de dilatação", para que os assaltos do imprevisível não abalem o edifício, e "espaços verdes" em nosso tempo, os quais permitam à terra propiciar-nos oportunidades de descanso, sem que ela se nos apresente apenas como terra a ser trabalhada, como vazio a ser preenchido, como desolação que, aos gritos, nos pede novos caminhos. A sabedoria do bairro convida-nos também ao repouso e à festa "com os outros", onde se celebra o sentido da amizade e da vida, onde emerge a transcendência da liberdade das pessoas apesar da opressão que parece onipotente e eterna, e onde os próprios fracassos se lêem numa perspectiva pascal, permitindo que surja uma nova liberdade.

A verdadeira eficácia evangélica deixa-se vencer sem angústia onde os falsos enunciados querem fazê-la "triunfar", e vive do sentido da fé no homem e na história. A eficácia evangélica é vivida reconciliada com a comunhão e com o sentido.

O povo precisa da eficácia que pode transformar as pedras em pão mediante seu esforço e sua organização; mas todos nós necessitamos de nos alimentar também com o relacionamento, a gratuidade, o símbolo, a presença e o sentido. Se não vivermos também da palavra, algo em nós pode chegar a morrer definitivamente (Mt 4,4).

II. Sinal evangélico e realidade humana

Estamos vindo de um cristianismo maciço, sociológico. Procuramos comunidades cristãs nascidas no seio da opressão. Queremos mudar o que aparece com um verniz cristão superficial e ajudar a nascer uma minoria simbólica que abra as portas de uma nova realidade.

Por isso, podemos observar em nossos grupos o fato de que, com a paciência de um ourives, se analisa cada situação, se planeja cada passo, se avalia todo e qualquer acontecimento, e, sobretudo, se exige a maior pureza possível ao que vai nascendo de nossas mãos. Busca-se uma comunidade-sinal.

Quando a vida surge em terrenos considerados desérticos, onde os homens só podiam constituir objeto de nosso conhecimento e de nossos planos, alguns admiram-na e outros combatem-na, alguns pretendem rotulá-la e exportá-la como modelo universal, ao passo que outros redobram a vigilância observando o último passo dado.

As exigências surgidas dentro do grupo e as pressões de fora repercutem no seio da comunidade. A pessoa se sente levada a salvar a pu-

reza da VIDA NOVA, porque esta inspira uns a se questionarem, ao passo que outros se vêm inclinados a matá-la.

Para salvar o "processo puro" vão-se criando no grupo as normas e leis que ajudam os membros a se orientarem nas épocas obscuras ou eufóricas do crescimento. Não se trata de normas abstratas ou importadas, vindas de longe, porém nascidas ao calor de situações concretas, para manterem a originalidade e o significado do grupo. Não são impessoais e distantes, mas foram preparadas na luta dos que participam do projeto.

Elas têm a imensa vantagem de haverem sido geradas pela própria vida. Isto, contudo, também traz como consequência o fato de que, nos momentos de conflito, não se lutará contra leis abstratas e estruturas de fora, cujo confronto cria coesão dentro do grupo, mas contra pessoas próximas, com as quais se compartilha o projeto e que se debatem em ritmos e momentos diferentes de desintegração ou crescimento.

Mas, apesar de todos os esforços para criar grupos e comunidades que sejam "sinais", cedo ou tarde o próprio projeto há de revelar não só todas as suas potencialidades originais, como também suas incoerências. As pessoas vão descobrir, nestas situações de conflito, todas as suas fraquezas pessoais mais ou menos camufladas.

Por outro lado, todos estes momentos são vividos em ritmos diversos pelas pessoas. E, como esta maneira de viver não atinge apenas um ou outro aspecto periférico, porém

afeta dimensões muito profundas da pessoa, os confrontos e os processos para manter uma comunidade realmente significativa exigem um preço alto de desgaste no reajuste permanente.

Em tais situações, que se passa nas profundezas da pessoa? Nós não temos somente um instinto de vida que nos impele a criar, mas temos igualmente um instinto paralisante, inibidor, que, diante da dor acarretada pela busca de novas sínteses, mais difíceis e coerentes, se vai paulatinamente apoiando nas criações da liberdade e acaba refugiando-se no que um dia foi novo, ao encontrar aí um espaço de harmonia.

Entretanto, só devemos permanecer em cada etapa o tempo exatamente necessário para que ela se solidifique e para que se possa construir, sobre ela, a etapa seguinte.

Nestes momentos de "páscoa", o recurso abusivo à lei do passado, nascida nos momentos mais brilhantes, pode paralisar as pessoas na lembrança do que já foi feito, e pode exasperar os que buscam sínteses novas. Mas o respeito irrestrito à criatividade, o deixar que a vida abra o seu próprio caminho equivalem a incorrer no risco de que a anarquia do crescimento divida a floresta e que os ramos das árvores se destruam mutuamente pela competição à procura de sol e de espaço.

Então, que caminho seguir-se? Aqui entra com plena vigência a segunda tentação de Jesus. "Atira-te do alto do templo" significa: "Faze um sinal perfeito, indiscutível, que seduza" as liberdades dos que te contemplam sem interromper o cami-

nho de liberdade que eles percorrem.

Talvez onde mais claramente se manifeste esta tentação seja no dinamismo interior supercrítico, que vive espreitando os pontos fracos das pessoas e instituições, e que por eles entra até chegar a destruí-las. Este dinamismo, cedo ou tarde, pode desencadear-se dentro do grupo, e pode voltar-se contra a própria pessoa quando alguém se sente envolvido pela própria contradição e não encontra saídas de modo imediato.

Procurar um sinal assim é tentar a Deus (Mt 4,7), e não aceitar a realidade e o ritmo da pessoa e da história, é não levar em conta a ambigüidade original da liberdade. As idéias se propagam com rapidez, a afetividade profunda se liberta ao correr do tempo, as atitudes novas se fortalecem dia a dia. Nossas obras não podem ser reduzidas à coerência absoluta e límpida de um sinal perfeito. Não podemos corresponder ao "ainda mais difícil" dos que, vivendo à caça de espetáculos e prodígios, nos prometem crer, nem tampouco aos desassossegos profundos de nossas falsas motivações e inseguranças.

Além disto, todo e qualquer sinal humano se acha exposto a ser mal interpretado. O povo seguia Jesus não porque houvesse compreendido o sinal dos pães, mas porque ele lhe tinha dado de comer (Jo 6,26).

O grupo não procura situar-se à entrada do templo, nem forçar seu ritmo, muito menos distorcer sua própria verdade para dar um "testemunho" perfeito. Ele procura ser um "sinal humano", que passe pela ambigüidade e pela lentidão das pes-

soas, pelos conflitos e reajustes internos, numa atitude de serviço ao povo, embora sua atitude possa desencadear contra si mesmo não só reconhecimento, mas também suspeita e projetos de morte, como os provocaram os sinais libertadores de Jesus (Mc 3,6). Ele tenta ser um sinal humano da força que passa através de sua fraqueza, do barro de que é feito, e, justamente por isto, não pretende tornar-se imitável, porém inspirador. Não procura monopolizar os caminhos do Reino, nem guardar as chaves do futuro, nem as regras para avaliá-lo, mas tenciona despertar nos outros sua grandeza própria e intrínseca, adormecida ou sepultada, suas possibilidades ignoradas, e sente-se contente de ver que a vida adquiriu consistência profunda e ampla, para além de si mesmo, isto é, para além do próprio grupo.

A contração na normatividade dos melhores momentos pode fechar-nos numa nova opressão, uma opressão que vem de dentro e do passado. A anarquia consistiria em desagregar-se na dispersão. A páscoa comunitária, para significar, com base no processo de mudança constante, toda a vida que também pode brotar dos outros, converte-nos em um sinal humano. Pedir aos outros sinais inconfundíveis é tentar a Deus, mas pedi-los a nós mesmos também o é.

III. Discernimento e domínio da realidade

Hoje em dia, as comunidades inseridas entre os oprimidos procuram a vontade de Deus mediante um processo constante de discernimento comunitário. Cada um discerne e é dis-

cernido. Com a ajuda de todos, compartilhando todas as informações possíveis, num sincero processo de abertura a Deus e ao outro, de oração e de diálogo, procura-se a unanimidade nas opções a tomar, não levando em conta apenas a confluência das razões, mas a afetividade espiritual diante de Deus. O “sentir” que realmente Deus quer de mim ou do grupo é fundamental para podermos fazer opções reconciliadas com nossa afetividade profunda segundo a maior intensidade possível. Assim, poderemos enveredar por caminhos que se deduzem não só das análises feitas sobre a realidade ou sobre os grupos externos, mas também das análises que se detêm na realidade pessoal profunda de cada religioso dentro do grupo.

Neste processo, necessitamos inevitavelmente empregar uma ideologia que oriente nosso projeto. Entendo aqui pela palavra “ideologia” uma determinada visão do homem, da sociedade e da história, a qual pretende guiar e orientar o esforço para a construção de um mundo mais humano. Ela se concretiza nas estruturas sócio-políticas que delineiam a sociedade, e justifica tais estruturas. A ideologia procura tornar-se operante por meio de análises científicas da realidade.

Às vezes as ideologias se endurecem, fecham-se sobre si mesmas, e negam as dimensões fundamentais do homem. Neste momento passam elas a escravizar os homens e até os seus próprios adeptos.

Aqui, porém, apresenta-se outra tentação. Procurando um modo de comprometer nosso esforço, as ideologias de libertação e as análises da

realidade parecem oferecer-nos, de maneira brilhante e rápida, as opções concretas. Na realidade, contudo, elas não conseguem fazer isto, não só por causa da inevitável margem de condicionamento que assinala toda análise, mas igualmente porque é necessário levar em conta muitos outros fatores pessoais e de grupo que influem poderosamente na opção concreta, e que, embora calando-se momentaneamente, hão de começar depois a reclamar seus direitos no momento mais inoportuno.

No seu ponto extremo, a ideologia e as análises da realidade podem converter-se em verdadeiros tiranos das pessoas, quando começam insensivelmente a se apoderar da racionalidade do grupo, e a impregnar todos os mecanismos de decisão. Neste caso, já temos uma opção ideológica que passou por cima — deixando-os de lado — da realidade pessoal e do necessário repouso da afetividade espiritual em Deus, mediante uma oração séria, em que cada um se abre à imprevisível exigência de Deus em sua inalienável verdade.

O “falar com Deus em paz”, que santo Inácio estabelece como critério de verificação de um discernimento bem feito nas opções (“eleições”) importantes da vida, alude a esta zona profunda da personalidade que envolve a abertura para o futuro de Deus imprevisível e sempre maior. Por outro lado, faz referência à necessária harmonia entre o que vamos fazer e as zonas profundas de nossa personalidade, nem sempre conscientes. Somente assim nossas opções irão crescendo em consistência.

Como consequência, é necessário dar tempo e espaço à afetividade espiritual para não se deixar seduzir pela inevitável etapa da ideologia, que às vezes pode infiltrar-se em nós como um absoluto que nos promete coisas em demasia, mas que, quando nos ignoramos a nós mesmos, nos sobrecarrega de exigências a ponto de conseguir devorar-nos.

Além disto, por vezes acontece que os ideólogos falam de fora das situações concretas que vivemos, sem o peso de nossa realidade, lançando-nos em becos sem saída.

Em algumas ocasiões, a urgência e o dramatismo dos problemas batem às nossas portas quase sem nos deixar o tempo necessário para discernirmos, e sem esperar o desenvolvimento do nosso ritmo interior. Por outro lado, estamos sujeitos a viver em níveis diferentes de vida e, portanto, de discernimento: na própria comunidade, nas organizações populares, na comunidade cristã, etc.

Isto quer dizer que nos movemos em níveis diversos de inserção, com projetos que não são tão totalizantes e abrangentes quanto à vida religiosa, e que, evidentemente, não se perguntam sobre nossa coerência interna. Todos estes níveis assemelham-se a passageiros que entraram em nosso carro e que nos solicitam que caminhemos em direções diferentes. Que fazer?

É difícil responder concretamente. No entanto, o que podemos fazer é questionar-nos para verificarmos se, em tais momentos, é uma determinada ideologia ou análise da realidade que serve positivamente de mó-

vel à nossa vida pessoal ou de grupo, ou se ainda fica reservado dentro de nós um espaço existencial para confrontarmos nossa vida com o plano de Deus, que é sempre maior, partindo de nossa plena verdade pessoal e de grupo, numa determinada situação. O verdadeiro discernimento não ignora nenhuma dessas dimensões.

Por outro lado, as ideologias não são entidades abstratas, mas estão ligadas a grupos poderosos que as sustentam. Abraçar cegamente uma ideologia é também entregar-se a um poder. Adorar uma ideologia é adorar um poder que nos promete o domínio futuro dos reinos. Mas o Evangelho nos diz que não podemos adorar mais que um Senhor, aquele que é o Senhor da história, e que somente a ele devemos servir (Mt 4,9-10); diz-nos ainda que não podemos querer procurar outros ídolos, que nos prometem, na solidão e no desamparo do deserto, levar-nos até o fim.

É mister que, diante da incerteza do futuro, consigamos discernir sempre a nossa rota de cada dia, que Deus nos vai abrindo, de maneira concreta e situada no encontro e no respeito a nossas liberdades. Nenhuma ideologia pode exigir de nós aquilo que este Senhor, pessoa, consegue suscitar num encontro conosco.

As ideologias são necessárias. Oferecem-nos o domínio ideológico e político. Mas a liberdade não passa pela adoração. Quando nos perguntamos concretamente o que faremos, a ideologia pode ir corroendo lentamente os mecanismos interiores, a estrutura pessoal de discernimento, pois que este é mais lento,

mais trabalhoso, às vezes menos brilhante, embora seja de um lado, o caminho real de abertura ao Deus da história, e, de outro, em sua lentidão, vá transformando a pessoa, preparando-a em seu itinerário íntimo, para poder acolher a nova etapa da liberdade. Esta abertura à transcendência de Deus impedir-nos-á de tomar como absoluto qualquer projeto concreto, mesmo que a pessoa se comprometa com ele, como degrau necessário e superável para a plenitude do Reino.

IV. Conclusão

Cada pessoa é diferente. Cada grupo tem sua fisionomia própria. Trazemos conosco um passado que já nos marcou para toda a vida com suas potencialidades e suas feridas. E é daí que partimos. O fascínio do projeto, as exigências da miséria, os clamores dos oprimidos, nossas culpas encobertas ou ocultas, o questionamento crítico dos que se comprometem segundo outras dimensões, etc., não nos podem fazer ignorar que fomos até o presente momento, e qual seja a nossa realidade profunda. Mas também, como não podemos ficar paralisados sem acolhermos em nós a vida nova do Espírito, nossa identidade se abre a uma nova dimensão.

É necessário estarmos atentos a tais realidades. Caminhamos carregando a nossa própria sombra, inevitavelmente presa a nossos pés. Às vezes, o sol que brilha diante de nós fascina-nos a tal ponto que nos parece uma perda de tempo determo-nos a considerar a própria realidade. No entanto, inevitavelmente, ao entardecer, o sol mergulha no horizon-

te. O fracasso, a perda na noite da história, a incompreensão dos momentos que vivemos chegam até nós. Não há outro remédio a não ser pararmos. Abrem-se velhas feridas; os fantasmas que todos nós trazemos escondidos nos sótãos de nossa pessoa saem à luz e ameaçam dominar tudo. Cada um de nós se pergunta em tais momentos se de tanto dar-se aos outros não se perdeu a si mesmo. Afinal de contas, que está acontecendo?

Em nenhum grupo, justifica-se hipotecar a própria originalidade. Com vistas a eficácia alguma é possível prejudicarem-se os espaços e os tempos, para que o sentido seja o substrato mais fundo. Nenhuma pureza significativa pode esquecer-se da sedução original de nossa liberdade, nem o testemunho pode mascarar nossa verdade deficiente. Nenhuma ideologia pode invadir-nos de tal maneira que conquiste de nós um compromisso cego.

Como livrar-nos d e s t e s “demônios” que nos tentam “sob a aparência de bem”? Na acolhida da palavra de Deus que oferece o sentido e convida a percorrer o caminho numa relação pessoal, situa-se a necessária busca de um amor eficaz. Diante dos pedidos dos que exigem que façamos sempre o mais difícil para que eles creiam, que querem de nós o testemunho impossível, o prestígio de um sinal puro e perfeito, não pretendemos tentar a Deus atirando-nos do alto do templo, mas cremos na manifestação de Deus através de nossa existência comprometida e que se apóia em nossa verdade humilde e sincera. Na adoração expressa ao Senhor da história encontra-

mos a fortaleza afetiva necessária a um serviço que não pretende controlar, por meio do poder, o imprevisível futuro de cada liberdade.

Para viver neste nível não se pode escapar do oprimido nos espaços e tempos tradicionais de refúgio. Faz-se mister descobri-lo na vida de todos os dias, na contemplação dos rostos despojados, abatidos, mas *n u n c a* definitivamente esgotados, que, de um lado, nos pedem a eficácia que organiza e alimenta, a fim de que realizemos o último prodígio de que somos capazes, a compreensão lógica dos mecanismos e processos históricos que nos orientam nesta encruzilhada de luta, e que, de outro lado, nos oferecem, quando sabemos contemplá-los, um sentido que lhes permite superar todos os despojamentos, o prodígio de um compromisso diário em sua humil-

de verdade, nua e simples, sem a preocupação de envolvê-la em qualquer papel de prestígio, e a imprevisível originalidade de uma liberdade aberta a Deus que vá além de todas as análises.

Mateus termina o relato das tentações dizendo que ao afastar-se o demônio, os anjos começaram a servir a Jesus (Mt 4,11), talvez como uma forma de expressar a reconciliação profunda da pessoa de Jesus com seu projeto aberto ao Pai. Estas tentações levam-nos a viver inconscientemente processos desintegrantes da pessoa e do grupo. A lucidez do que se passa em nós enquanto nos gastamos dedicando-nos aos oprimidos, pode ajudar-nos a procurar uma coerência sempre renovada em níveis cada vez mais profundos e consistentes.

Oração — Vida — Amor — Perdão

Meu limite — o pecado — é promessa e certeza de Seu perdão. E o que é o perdão senão a mais difícil das versões do amor?

A oração não é tarefa. Dever a ser cumprido. Algo a ser feito. Uma concepção legalista de oração permeou a tradição espiritual da Igreja e o cotidiano de muitas pessoas, ordens e congregações religiosas.

Amar o inimigo é morrer primeiro como condição de vida. É assumir no amor esta forma quase mortal de vida que é o perdão.

É verdade

Pedir aos outros sinais inconfundíveis é tentar a Deus. É não aceitar a realidade e o ritmo da pessoa e da história. É não levar em conta a ambigüidade original da liberdade.

O amor não se esgota no **ser para o outro** dentro de um projeto histórico concreto. Exige também **ser com o outro** criando espaços de comunhão. Ainda precisamos percorrer um longo caminho para que o amor cristão encontre uma articulação concreta e ativa a ponto de tornar-se eficaz na solidariedade com o pobre.

PROCESSO TEOLÓGICO E PRINCIPAIS CORRENTES TEOLÓGICAS

TENDÊNCIAS TEOLÓGICAS E SUA INCIDÊNCIA SOBRE A IGREJA E A SOCIEDADE

Equipe do INP (Instituto Nacional de Pastoral)

1. Da única teologia às muitas tendências teológicas

A teologia (como saber regrado) resulta de uma maneira própria de considerar todas as coisas, a saber, à luz de Deus. Todas as coisas possuem uma dimensão teológica porque todas elas podem ser vistas em referência a Deus ou contempladas a partir de Deus. Neste sentido, como perspectiva e ótica próprias (*ratio formalis* dos escolásticos, ou princípio de pertinência dos modernos) a teologia é uma só.

Não obstante existem várias formas de realizar historicamente a tarefa teológica. Assim pode-se querer relevar o caráter **sapiencial** da teologia e então deparamos com a teologia patrística. Outras épocas estão interessadas no caráter **científico**, racional e sistemático da fé e aparecem então as sumas teológicas da teologia medieval. Outros tempos sentem a urgência de sublinhar

o fator **existencial** da fé, ou seu caráter libertário e **social** e nos deparamos com a teologia contemporânea. Destarte emergem as várias tendências teológicas. Cada tendência procura ouvir toda a verdade apostólica e se esforça por ser fiel ao Evangelho, enucleando todos os dados ao redor de nós decisivos ou de uma preocupação fundamental. Normalmente é a história e a sociedade que propõem as perspectivas básicas.

a) Alcance e limite de cada tendência teológica

Nenhuma tendência pode monopolizar a teologia e se apresentar como a teologia. Em todo o dito está o não dito. A razão (também teológica) é finita. Por consequência, nenhuma geração de cristãos pode colocar e resolver todas as questões apresentadas pela fé. Distó decorre que cada tendência teológica deve conhecer seu alcance e

principalmente seus limites. Nesta humildade ela pode dizer toda a verdade no fragmento do tempo histórico. Deve também estar aberta a acolher outras formas de sistematizar a fé, embora levante sempre a questão acerca de quais assuntos são os mais relevantes e até decisivos para a teologia abordar em vista das exigências da Igreja concreta e da história presente.

b) Quais são os "inimigos" ou concorrentes de cada tendência teológica

Cada tendência teológica tem uma verdade a propor e erros correspondentes a combater. Ela ocupa um lugar na Igreja, a partir daí define sua relação para com as várias instâncias e outras correntes. Muitas vezes as verdadeiras intenções de uma tendência teológica se revelam na identificação de seus contrários polêmicos e das coisas que ela critica ou condena.

c) Funcionalidade de cada tendência em referência à Igreja e à sociedade

Um teólogo não vive no ar; participa da Igreja e da sociedade; tanto uma quanto outra não são corpos homogêneos, mas são atravessados de tendências, interesses e conflitos. Como qualquer agente social e eclesial, o teólogo ocupa um determinado lugar e sua produção teórica e sua prática guardam certa funcionalidade para com este ou aquele grupo de Igreja ou da sociedade, seja apoiando, criticando, condenando ou justificando. Esta situação é objetiva e independe da vontade das pessoas. Entretanto o

teólogo conscientizado do fenômeno pode controlar e orientar esta funcionalidade. É computada por conta da ingenuidade epistemológica e pretensão de fazer um discurso totalmente neutro, desengajado e somente teológico. Ninguém tem o poder de controlar plenamente os efeitos de suas palavras ou ações sobre os destinatários.

d) Qual a teologia útil e necessária para a nossa Igreja e nossa sociedade

Referir as várias tendências teológicas vigentes hoje na Igreja pode significar um exercício de diletantismo intelectual ou a satisfação de uma curiosidade, de si legítima. Numa Igreja aberta, as idéias circulam e incidem sobre as práticas pastorais e ajudam a alimentar o *intellectus fidei*. Não obstante, não se pode eludir a questão verdadeiramente decisiva: qual é a teologia útil e necessária para a Igreja e a sociedade *hic et nunc*? A Igreja tem já sua caminhada dentro de uma determinada sociedade; tomou suas grandes decisões e apresenta um perfil feito de ação e reflexão. A sociedade afronta a fé com graves desafios que devem ser tomados a sério e refletidos pela teologia com o intuito de ajudar a Igreja a ver claro para que possa decidir com acerto. Em razão desta diakonia que toda verdadeira teologia dentro da Igreja deve prestar, não é qualquer tendência teológica que se mostra apta para desempenhar este serviço indispensável. Uma Igreja só pode se considerar adulta quando dispõe de uma reflexão séria que acompanha suas práticas e de um corpo de peritos, capaz de elaborar o quadro

teológico da fé, articulado com os desafios provindos da realidade sócio-histórica. Resta decidir qual é a teologia adequada e necessária à Igreja que peregrina com o povo brasileiro, em sua grande maioria religioso e pobre.

2. Primeira tendência teológica: teologia como explicitação do depositum fidei

No depositum fidei estão contidas as verdades necessárias para a nossa salvação. Este depósito foi confiado ao Magistério que o guarda fielmente, o defende ciosamente e o interpreta autenticamente. A teologia possui uma função de explicitação das verdades deste depósito sagrado procurando o nexo entre os vários mistérios e sua articulação com a razão humana.

Como a teologia realiza sua tarefa? Ela tenta expor de forma sistemática as verdades, começando com o tratado da apologética (de vera religione, de revelatione, de Ecclesia) e terminando com os novíssimos (1). A forma de apropriação se faz da seguinte maneira: apresentam-se as verdades propostas ou definidas pela Igreja; identificam-se os inimigos antigos (arianos, pelagianos, etc.) e modernos (reformadores, iluministas, existencialistas), aduzem-se as provas da Escritura, as provas da Tradição, as razões teológicas. A Escritura é considerada como um repositório de frases (dicta probantia) inspiradas e reveladas e da Tradição se tomam também frases, sem tomar em conta as teologias internas de cada uma des-

tas fontes ou as várias camadas de sua elaboração histórica. Aqui o que importa é a clareza das verdades de fé, com suas várias qualificações (de fide, proxima fidei, opinio theologica, etc.) e a identificação das proposições errôneas (haeretica, piaie aures offendentes, etc.).

A incidência desta teologia na pastoral é mínima, pois não ajuda muito a iluminar os problemas eclesiais, geralmente, mesclados com problemas sociais, políticos e ideológicos. Sua maior influência se dá na catequese mediante uma metodologia doutrinária sem outros maiores recursos pedagógicos. Na moral é tuciorista, na administração dos sacramentos é estritamente obediente às prescrições canônicas.

A incidência na sociedade apresenta-se também mínima. Esta teologia não dispõe de instrumentos teóricos, nem teológicos nem analíticos, para ajuizar um sistema social ou para se pronunciar sobre questões seculares. No máximo é uma teologia das conseqüências, no estilo: "se houvesse mais moral, se tivesse havido mais catecismo nas famílias e na escola, não haveria a avalanche de crimes que atualmente vivemos".

Alcance e limites desta tendência: ela é forte nos conteúdos da fé formulados com extremo cuidado e precisão técnica; o fiel tem a impressão de saber o que está certo e o que está errado. Seu principal limite: é pouco existencial, não possui mordência histórica, corre o risco de ser rígida e de criar farejadores de heresias e denunciadores junto às instâncias doutrinárias.

3. Segunda tendência teológica: teologia como iniciação à experiência cristã

O saber da fé não é apenas intelectual, mas "cordial" e existencial; deve propiciar uma experiência do mistério cristão como mistério da auto-comunicação da vida divina às vidas humanas. Esta tendência teológica possui, como a primeira, também a Igreja como eixo enucleador, mas entende a Igreja como Povo de Deus ou corpo místico de Cristo (2). A fé é a fé da Igreja e não apenas da Hierarquia. A tarefa da teologia consiste na explanação racional de todo o mistério cristão que engloba dimensões mais amplas que aquelas das "verdades reveladas", como o aspecto cúltico-litúrgico, a vivência de comunidade.

Esta intenção básica faz com que esta tendência assimile muito as contribuições da reflexão moderna sobre a existência, a história, o processo de conversão, as relações inter-pessoais. O esquema básico é o mesmo que a tendência anterior, mas dentro de parâmetros mais atualizados: a utilização das Escrituras respeita e aproveita os resultados da exegese, o argumento de Tradição é precedido pelo estudo da patrologia e da história dos dogmas, o *sensus fidelium* ganha maior peso.

Esta teologia possui abertura ecumênica; se a primeira tendência é apenas centrada na Igreja Católica (Hierarquia), esta se dimensiona para todo o fenômeno cristão; seus contraentes na polêmica são os humanismos fechados e os sistemas totalitários, negadores da transcendência de Deus e do homem.

A incidência na pastoral desta tendência é notável; pois a codificação da fé se apresenta numa linguagem que fala ao sentido da vida e anima a fé como experiência de encontro com Deus (mistagogia). A catequese insere experiências humanas como mediadoras para os mistérios cristãos, a moral atende melhor e faz justiça aos condicionamentos concretos em que se dá a decisão ética, a liturgia assume melhor seu caráter de celebração.

A incidência no mundo se faz não sobre as estruturas, mas sobre os relacionamentos humanos. A riqueza do personalismo moderno se faz valer otimamente no contexto comunitário, a conversão atinge o coração e os grupos e permite a fé revelar sua dimensão humanizadora e magnificadora da dignidade humana.

Alcance desta teologia: recupera a riqueza da grande tradição bíblica e patrística de uma teologia mais sapiencial e mistagógica, a verdade mais que apresentação objetiva de um dado é vivida como encontro transformador (metânoia), ajuda a sedimentar uma Igreja como comunidade de fé. Seus limites: o conteúdo da fé pode empanar-se devido às demasiadas mediações antropológicas, existenciais e personalistas, não atina para o caráter estrutural e institucional dos grandes fenômenos eclesiais e sociais, não alcançáveis pela dinâmica da conversão pessoal.

4. Terceira tendência teológica: teologia como reflexão sobre o *mysterium salutis*

Se nas duas tendências anteriores a Igreja, seja como Hierarquia seja

como povo de Deus, ocupava o centro da teologia, agora é o mistério da salvação o pólo enucleador de toda sistematização (3). *Mysterium salutis* é um conceito chave na Tradição antiga e na teologia do Vaticano II. Deus se oferece a Si mesmo como salvação universalmente a todos os homens de sorte que há uma só história da salvação que vai de Abel iusto usque ad ultimum electum, recobrando toda a história dos homens. A história do AT e do NT emerge como uma história sacramental (sinal e instrumento), como o momento de conscientização e de reflexão de que a salvação é um oferecimento a todos os povos. Esta consciência única, suscitada por uma revelação específica de Deus ao povo de Israel, tem também sua história e foi codificada nas Escrituras Sagradas.

Esta teologia está atenta ao fenômeno religioso universal, entendido como res-posta humana à proposta divina; o homem sempre se encontra sob o arco-íris da graça e do perdão de Deus, apesar do pecado e das recusas permanentes.

O modo como esta tendência se apropria desta visão é entender as fontes da fé (Escritura e Tradição) sempre dentro de um contexto maior (a história da salvação/perdição universal). Na argumentação são tomados em conta os testemunhos maiores das outras religiões. O diálogo ecumênico não se restringe às Igrejas cristãs mas se abre às religiões do mundo.

Os "inimigos" desta teologia são os ateus teóricos que se fecham à abertura ínsita do homem ao Mistério, o secularismo como ideologia

das realidades terrestres consideradas auto-suficientes e sem qualquer referência a um Maior.

Sua incidência sobre a pastoral: esta tendência significou uma rajada de ar fresco e oxigenado no velho edifício dogmático da Igreja; o sentido pastoral é grande, pois mostra a fé aberta a outras manifestações de Deus no mundo, aprende a valorizar os sinais dos tempos, possíveis portadores da vontade concreta do Espírito, alarga a compreensão dos sacramentos, mais como sinais visibilizadores da graça já presente e oferecida que instrumentos produtores de graça anteriormente inexistente.

Incidência sobre a sociedade: ela mostra uma Igreja aberta, capaz de aprender das ciências modernas, discerne o momento de salvação/perdição nas várias instâncias sociais, interessa-se por tudo o que faz crescer o homem, pois ajuda a preparar a matéria do Reino de Deus que já se inicia aqui e agora, culminando na eternidade.

Alcance desta teologia: mostra a real catolicidade da Igreja que se deriva da universalidade do oferecimento salvífico; incentiva uma perspectiva contemplativa da vida e da história na medida em que as vê "grávidas de Cristo e do Mistério", supera uma visão dualista, sagrado de um lado e profano do outro, natural e sobrenatural como realidades justapostas.

Limite desta tendência: propende a considerar mais a história da graça do que a tomar em conta a história da recusa e do pecado; é demasiadamente otimista, exaltando o

trabalho, a ciência e a técnica, sem apreciar o fato de que, em sua concreção histórica, tais fenômenos se prestam atualmente a serem instrumentos de dominação de países sobre outros tecnicamente mais atrasados.

5. Quarta tendência.

teológica:

**teologia como antropologia
transcendental.**

O destinatário do oferecimento salvífico de Deus é cada homem que vem a este mundo. Esta tendência faz a viragem, tipicamente moderna, de objeto para o sujeito (4). O homem, interlocutor de Deus, constitui a idéia-geradora de todos os demais temas teológicos. Mas não é qualquer acepção de homem que aqui é tomada como foco orientador. Não é o homem empírico, nem a imagem de homem que se deriva das ciências antropológicas, mas o homem assim como é apresentado pelas Escrituras: ouvinte da Palavra, em permanente diálogo com o último que se faz presente na consciência, em transcendência viva jamais categorizável completamente. Por isso esta tendência não significa imanentismo, pelo contrário, resgata dentro da história a transcendência, o homem como mistério, abertura infinita para a qual somente Deus é o pólo adequado e plenificador.

Esta tendência procura em todos os mistérios da fé mostrar seu **quoad nos**, em que medida vêm ao encontro das buscas humanas. Parte do pressuposto ontológico de que o homem foi "construído" assim por Deus que só é plenamente homem em contato com a revelação; só em

Jesus Cristo, Deus humanado, decifra-se o mistério antropológico. O grito do homem de todos os tempos pelo Infinito e o Eterno é eco da própria voz do Eterno e do Infinito que o chama. Destarte o mistério da encarnação não diz apenas respeito a Jesus de Nazaré, de certa forma concerne a cada homem, pois aí sente sua própria vocação realizada.

Os "inimigos" que esta tendência enfrenta são os que separam demasiadamente cristianismo com os movimentos do mundo em busca do Absoluto, os que não põem em evidência o aspecto de realização humana presente na revelação de Deus, o imanentismo das ciências humanas modernas que recalcam o elemento de transcendência presente no homem.

A incidência pastoral desta tendência é evidente: procura-se valorizar todas as manifestações verdadeiramente humanas e autênticas da cultura, porque por detrás está em ação o próprio Espírito de Deus. A comunidade é o espaço e o lugar onde se celebra a salvação que se realiza na história, se faz a exegese dos sinais dos tempos. O presbítero além de um representante de Cristo e da Igreja, deve ser um representante do homem, tocado por Deus, vigário de Jesus, o novissimus Adam, onde o divino do humano se mostrou com toda a "patência".

A incidência na sociedade também é respeitável, pois coloca os cristãos como peregrinos junto com os demais homens: valoriza todas as manifestações que mostram a abertura e a transcendência humana, co-

mo, respostas bem sucedidas ao apelo de Deus, que os homens atendem, mesmo inconscientemente. Esta tendência milita por uma sociedade aberta, anti-autoritária, pois só assim se criam as condições para a concretização da transcendência real do homem.

Alcance desta teologia: valoriza não apenas a história judeu-cristã (história sacramental) mas toda a história humana; elabora um conceito sagrado do homem, superando todo e qualquer profanismo e naturalismo (não ausente na teologia clássica), ajuda a compreender melhor a realidade humano-divina, outrora expressa pelas categorias natural-sobrenatural: a permanente abertura e chamado do homem por parte de Deus.

Limites desta tendência: corre o risco de não dar muito peso aos fechamentos históricos, a não ver a história do mal com suas estruturas e agentes; à força de sublinhar o caráter transcendental do homem e dos mistérios cristãos perde suas categorizações (concretizações) intramundanas; não é suficientemente dialética no sentido de não tomar mais em conta o caráter conflitivo da história.

6. Quinta tendência teológica: teologia dos sinais dos tempos (do político, da secularização, da esperança)

O Vaticano II (*Gaudium et Spes*) insistiu no fato de que a Igreja se encontra dentro do mundo, participante de suas esperanças e angústias. Esta consciência permitiu à teologia descobrir novos campos e novos ob-

jetos para a sua reflexão. A grande tradição teológica sistematizara já, quase à exaustão, com um instrumental tomado da filosofia e das ciências históricas e lingüísticas os temas diretamente teológicos: Deus, Jesus Cristo, a revelação, a gesta salvadora no Filho e pelo Espírito, a Igreja, os sacramentos, a escatologia, etc. O desafio que hoje se apresenta consiste nisso: como pensar teologicamente, realidades que de si não se apresentam como teológicas, mas como profanas e seculares, assim no campo da política, os sistemas sociais vigentes, os mecanismos econômicos, os processos libertários dos povos ou classes dominadas, a empresa científico-técnica?

Para falar teologicamente delas, precisa-se, previamente, apropriar-se de um conhecimento adequado, caso contrário, incorremos simplesmente em *ignoratio elenchi*. Para isso o teólogo precisa se adestrar na leitura de textos analíticos das várias ciências positivas e histórico-sociais. Emerge um novo dialogante para a teologia, as ciências do homem e da sociedade. Sobre a leitura científica e crítica se faz a interpretação teológica e ética.

Assim no primeiro pós-Concílio surgiram algumas teologias (5) que vinham sob o signo de teologias dos sinais dos tempos. Os fenômenos acima referidos apresentavam-se como sinais interpeladores que nos desafiavam em buscar neles a presença ou a negação do desígnio de Deus. Assim surgiram as teologias do político, da secularização, da esperança e da process-theology dos USA. Todas elas têm isso de comum: trata-se de fenômenos coletivos, públicos que

demandam também uma expressão pública e política da fé. Não se quer acrescentar nada à fé, mas desentranhar estas dimensões que estão ínsitas dentro dela, mas que foram, historicamente, encobertas por uma vivência intimista, personalista e individualista da fé. A secularização é considerada uma consequência da própria fé que liberta o mundo de características divinas ou mágicas e o devolve ao homem para o seu campo de criatividade responsável. A esperança, mais que uma virtude, embora cardeal, constitui um dinamismo ontológico dentro de cada homem e da sociedade que impede as estagnações e propicia as mudanças e até as revoluções. A teologia volta a redescobrir "a memória subversiva e perigosa de Jesus de Nazaré" que não disse quando esteve entre nós: "Eu sou a tradição, mas eu sou a Verdade" (Tertuliano) e, com isso, colocou em marcha um processo de mudança que alcança para além do coração e envolve também a sociedade e a inteira criação.

Os contraentes polêmicos desta tendência são aqueles que reduzem o cristianismo somente à sua dimensão pessoal e familiar, excluindo o momento social e político, o absentismo dos problemas do mundo e o conservadorismo religioso e político porque retarda o advento do Reino de Deus.

A incidência sobre a pastoral se torna evidente; abre à comunidade cristã novas formas de presença e testemunho no meio das estruturas em vista de sua mudança, a partir, evidentemente, dos critérios próprios da fé.

A incidência social também não precisa ser ressaltada porque se trata de uma reflexão orientada diretamente sobre o elemento social e histórico. Se a Igreja no último milênio mais se prestou a legitimar a ordem estabelecida, agora é convocada a ser um fator de mudança e uma força histórica de humanização do mundo, realidade esta não indiferente a uma teologia do Reino.

O principal alcance desta tendência reside no fato de ter aberto outros campos para a reflexão teológica, necessários para a fé no nosso mundo.

Seu principal limite está em que a análise das realidades profanas não se apresenta ainda bem articulada com o discurso teológico, ficando uma justaposição danosa para ambas as partes, a teologia e a compreensão da realidade.

7. Sexta tendência teológica: teologia do cativo e da libertação

No pós-Concílio a teologia não apenas se viu confrontada com os problemas das sociedades abertas, industriais e secularizadas. A questão primordial que as Igrejas se sentiam urgidas em responder era: como ser cristão num mundo crítico, adulto, funcionalista? Descobriu-se, depois um desafio ainda maior, vindo das periferias da Ásia, África e especialmente A. Latina; emergem os pobres como fenômeno social das grandes maiorias, marginalizados dos benefícios do processo produtivo e explorados, como excedentes de uma sociedade que privilegia soluções técnicas a soluções sociais para

os seus problemas. A questão é: como ser cristão num mundo de empobrecidos e miseráveis? O tempo das reformas no sistema já passou; importa um processo de libertação no qual os pobres recuperem sua dignidade aviltada e ajudem a gestar uma sociedade, não necessariamente rica, mas justa e mais fraterna.

Os passos metodológicos desta tendência (6) foram já detalhados e ensaiados com êxito: parte-se de uma indignação ética face à pobreza que Deus não quer para seus filhos, ao mesmo tempo que se faz uma experiência religiosa face aos pobres nos quais está presente o Servo Sofredor Jesus Cristo. Em segundo lugar, importa conhecer por quê caminhos e mecanismos se produzem, por um lado gritante miséria, e por outro, escandalosa riqueza. Aqui cabem as análises históricas, sociais, políticas e econômicas. Em terceiro lugar, cumpre ler esta realidade da miséria, já descodificada com o instrumental sócio-analítico, com os olhos da fé e da teologia, discernindo as sendas da graça e os picadeiros do pecado. Por fim, faz-se mister, apontar pistas de ação pastoral mediante as quais a Igreja e os cristãos ajudam no processo de libertação integral. A fé cristã traz a sua contribuição específica no processo mais global de libertação dos pobres, privilegiando os meios não violentos, a força do amor, a capacidade inexaurível do diálogo e da persuasão e procurando entender também à luz de critérios éticos, firmados na Tradição, a violência às vezes inevitável porque imposta pelos que não querem nenhuma mudança.

Os "inimigos" desta tendência são aqueles que não alcançam ver uma dimensão libertária presente na fé cristã e na vida de Jesus, os que reduzem a expressão da fé apenas ao âmbito do culto e da piedade e se mostram insensíveis aos gritos do Jó moderno, que sobem ao céu.

A incidência na pastoral da Igreja se faz notar nas várias práticas de muitas Igrejas periféricas em seu empenho na defesa dos direitos humanos, especialmente dos pobres, na denúncia das violências do sistema capitalista e neo-capitalista na constituição de comunidades de base, onde o povo expressa, alimenta e articula sua fé com as realidades da vida que os oprimem.

A incidência na vida social não é menos relevante: a Igreja se fez companheira por razões teológicas, com todos aqueles que lutam por uma sociedade alternativa e mais participada; a coesão teológica e pastoral do corpo episcopal em favor dos pobres colocou a Igreja entre as forças mais importantes da sociedade.

O alcance desta teologia se mede pela sua ressonância nos meios intelectuais e populares. Depois de séculos, por causa desta teologia, o interesse pela reflexão teológica desceu às ruas; é uma teologia com forte dimensão profética e missionária. Não são poucos os que, em contacto com ela, voltam à Igreja para com outros cristãos se comprometerem por reformas necessárias.

Limites desta tendência: à força de insistir sobre o caráter estrutural do pecado social e da necessidade de uma graça também social estrutural, corre-se o risco de esquecer a con-

versão pessoal e a busca da perfeição da vida cristã. Há também o temor de que o político desborde de seus limites e acabe ocupando todo o horizonte da fé. A fé possui, inegavelmente, uma dimensão política, e hoje ela é urgente, é exigência do Espírito à sua Igreja, mas ela não absorve toda a riqueza da fé, que deve também encontrar outras expressões dentro do processo de libertação integral.

8. Qual a teologia adequada e necessária à nossa Igreja no Brasil?

Todas as tendências teológicas são úteis, porque cada uma delas põe a descoberto dimensões que ficam escondidas ou pouco focalizadas em outras tendências. Isto, entretanto, não impede de colocarmos a questão básica: qual das teologias surge das

práticas pastorais, religiosas e místicas do caminhar de nossa Igreja? Qual delas é momento de iluminação e de animação para tais práticas? Creio que devemos dizer, com Puebla, que a teologia da libertação é uma das criações originais de nossos cristãos e uma contribuição positiva às demais Igrejas que peregrinam com outros problemas e desafios. Com isto não se significa que as demais tendências devem ser descartadas, mas deve-se assumir tudo o que nelas nos possa ajudar a sermos mais fiéis ao Evangelho, à grande Tradição, ao povo de Deus e principalmente aos anelos de libertação dos pobres.

Depois de ter feito tudo o que está ao seu alcance, não cabe ao teólogo senão ouvir a palavra do Senhor: "não somos senão simples servos. Fizemos o que tínhamos de fazer".

NOTAS

(1) Nesta tendência caberiam os clássicos manuais de teologia de corte neoescolástico: grupo espanhol com a **Sacrae Theologiae Summa**, BAC, 1952 ss; o grupo alemão com Pohle-Giers, **Handbuch der Dogmatik**, 3 vols., Innsbruck, 1956; grupo francês com o comentário à Summa Theologica feita pelos dominicanos, **Initiation Théologique**, Paris 1952; grupo italiano (latino) os vários manuais saídos da Gregoriana de Roma. (2) Aqui cabe citar especialmente M. Schmaus, **Katholische Dogmatik**, Munique 1958 ou do mesmo autor **A fé da Igreja**, 4 vols., Petrópolis 1973ss (original 1970). (3) Basta que citemos aqui o volumoso manual de teologia à luz dos princípios do Vaticano II: **Mysterium Salutis**, Ed. Vozes, Petrópolis 1971ss, em 24 volumes. (4) Aqui

importa citar a vasta obra de K. Rahner e sua escola que ganhou expressão coletiva no **Lexikon für Theologie und Kirche**, 10 vols., Friburgo 1955ss. **Handbuch der Pastoraltheologie**, Friburgo 1964; **Sacramentum Mundi**, 4 vols., Friburgo 1970; as produções pós-conciliares de Flick-Alszeghy, professores da Gregoriana sobre a antropologia, a graça, revelação. (5) Quem mais se destacou foi J. B. Metz com sua **Teologia Política e Teologia do Mundo**, Lisboa 1970; na França Ch. Duquoc com estudos sistemáticos sobre a secularização; J. Moltmann, **Teologia da Esperança**, São Paulo 1971. (6) Veja G. Gutierrez, **Teologia da Libertação**, Petrópolis 1976; Boff, L., **Teologia do Cativo e da Libertação**, Petrópolis 1980; Cl. Boff, **Teoria e Prática. A teologia do político e suas mediações**, Petrópolis 1977.

COMENTÁRIOS EM TORNO DO NÚMERO 8 DO TEXTO

Este número 8, de que fala o título acima, está no artigo "Processo Teológico e principais correntes teológicas". Ver página 360 e seguintes.

Pe. Raimundo José Soares

1. O objeto dos comentários

É a frase: "Creio que devemos dizer, com Puebla, que a teologia da libertação é uma das criações originais de nossos cristãos e uma contribuição positiva às demais igrejas que peregrinam com outros problemas e desafios" (nº 8).

2. Exegese da frase

2.1. O que não se pretendeu dizer com ela

Não passou pela mente do autor afirmar que a frase em tela se encontra literalmente no Documento de Puebla. A razão é muito simples. De fato não se encontra. Por isso, precisamente, não está colocada entre aspas.

2.2. O que se quis dizer

A intenção que se teve foi afirmar que o espírito e o conteúdo do Documento de Puebla vão no mesmo rumo da tendência teológica, identificada como teologia do cativo e da libertação.

2.3. Explicando um pouco mais

2.3.1. Sentido da expressão "teologia da libertação"

Na frase em exame, a expressão "teologia da libertação" não significa nenhuma teologia concreta da libertação, quer dizer, não se identifica com as posições de nenhum teólogo determinado, de modo total e pleno. Seu sentido exato, aí, é a significação mais abrangente de "tendência teológica". Isto por duas razões:

1ª) Pelo **contexto geral** de toda a comunicação “Tendências Teológicas...” Primeira tendência... Segunda tendência... etc.”.

2ª) Pelo **contexto imediato**. Logo as primeiras palavras do número 8 soam: “Todas as tendências teológicas são úteis...”. Em seguida, a mesma palavra tendência volta ainda duas vezes, num espaço de 13 linhas. Para não repetir duas outras vezes, em texto tão curto, a expressão “tendência teológica” é que se empregou, então, a fórmula “teologia da libertação”.

2.3.2. **Caracterização da tendência teológica apresentada como teologia do cativo e da libertação.**

Evidentemente, o fato de esta tendência teológica não ser identificada com o sistema doutrinário de nenhum teólogo determinado, não significa uma indefinição completa, sujeita a toda sorte de equívocos e passível de ser interpretada de qualquer maneira. O parágrafo segundo do número sete da comunicação apresenta os elementos básicos que a caracterizam suficientemente. Podem reduzir-se a seis pontos, todos eles calcados inequivocamente no Documento de Puebla. Vejamos:

1º) **Indignação ética face à pobreza que Deus não quer.**

“Vemos à luz da fé, como um escândalo e uma contradição com o ser cristão, a brecha crescente entre ricos e pobres... O luxo de alguns poucos converte-se em insulto contra a miséria das grandes massas. Isto é contrário ao plano do Criador e à honra que lhe é devida” (DP 28).

“Comprovamos, pois, como o mais devastador e humilhante flagelo, a situação de pobreza humana em que vivem milhões de latino-americanos...” (DP 29).

“A Igreja, como afirmam os Sumos Pontífices, “por força de um autêntico compromisso evangélico” deve fazer ouvir a sua voz denunciando e condenando estas situações, sobretudo quando os governos ou responsáveis se confessam cristãos” (DP 43).

“As profundas diferenças sociais, a extrema pobreza e a violação dos direitos humanos — que ocorrem em muitas regiões — são desafios lançados à evangelização” (DP 90, cf. nºs 87-89).

“... As situações de injustiça e de pobreza extrema são um sinal acusador de que a fé não teve a força necessária...” (DP 437).

“... A imensa maioria de nossos irmãos continua vivendo em situação de pobreza e até miséria que se vem agravando...” (DP 1135).

“Esta opção (pelos pobres) exigida pela escandalosa realidade dos desequilíbrios econômicos da América Latina...” (DP 1154).

“O homem latino-americano sobrevive numa situação social que contradiz sua condição de habitante dum Continente majoritariamente cristão:

são evidentes as contradições existentes entre estruturas sociais injustas e as exigências do Evangelho" (DP 1257).

Tudo o que precede resume bem o brado de indignação ética e evangélica do Papa João Paulo II no seu discurso aos índios de Oaxaca e Chiapas: "Não é justo, não é humano, não é cristão, continuar com certas situações abertamente injustas".

2º) Experiência religiosa face aos pobres nos quais está presente o Servo Sofredor Jesus Cristo.

"Esta situação de extrema pobreza generalizada adquire na vida real, feições concretíssimas, nas quais deveríamos reconhecer as feições sofredoras de Cristo, o Senhor que nos questiona e interpela" (DP 31)... e que quis identificar-se, num gesto de ternura particular, com os mais pobres e os mais fracos" (DP 196).

"Feições de crianças..." (DP 32); "feições de jovens..." (DP 33); "feições de indígenas..." (DP 34); "feições de camponeses..." (DP 35); "feições de oprimidos..." (DP 36); "feições de sub-empregados e desempregados, despedidos..." (DP 37); "feições de marginalizados..." (DP 38); "feições de anciãos..." (DP 39).

"... Qual a forma de dirigirmos com amor nossa solicitude para com os pobres, doentes, despojados, angustiados e como descobrindo neles a imagem de Jesus "pobre e paciente" nos esforcemos por remediar suas necessidades e procuramos servir neles a Cristo..." (DP 489).

"O compromisso evangélico da Igreja, como disse o Papa, deve ser como o de Cristo: compromisso com os mais necessitados" (DP 1141, cf. nºs 1142-1144).

"Verificamos que episcopados nacionais e numerosos setores de leigos, religiosos, religiosas e sacerdotes tornaram mais profundo e realista o seu compromisso com os pobres..." (DP 1136).

"A evangelização dos pobres foi para Jesus um dos sinais messiânicos e será também para nós, sinal de autenticidade evangélica" (DP 1130).

"Ao aproximar-nos do pobre para acompanhá-lo e servi-lo, fazemos o que Cristo nos ensinou, quando se fez irmão nosso, pobre como nós. Por isso o serviço aos pobres é medida privilegiada, mas sem exclusivismo de nosso seguimento de Cristo" (DP 1145).

3º) Conhecimento dos caminhos e mecanismos geradores da pobreza e da riqueza.

"Ao analisar mais a fundo tal situação, descobrimos que esta pobreza não é uma etapa casual, mas sim o produto de determinadas situações e estruturas econômicas, sociais e políticas, embora haja também outras cau-

sas da miséria. A situação interna de nossos países encontra em muitos casos, sua origem e apoio em mecanismos que, por estarem impregnados não de autêntico humanismo mas de materialismo, produzem em nível internacional, ricos cada vez mais ricos às custas de pobres cada vez mais pobres..." (DP 30, cf. nº 1209).

"Enquanto houver grandes setores da população que não chega a satisfazer a estas legítimas aspirações enquanto outras as conseguem com excesso, os bens reais do mundo moderno... O contraste notório e provocante entre os que nada possuem e os que ostentam sua opulência é um obstáculo insuperável a que se estabeleça o mundo da paz" (DP 138).

"Conhecida a situação de pobreza, marginalização e injustiça em que estão imersas grandes massas latino-americanas e de violação dos direitos humanos, a Igreja no uso de seus meios próprios, deve ser cada dia mais a voz dos desamparados, apesar dos riscos que isto implica" (DP 1094).

"Envidamos esforços para conhecer e denunciar os mecanismos geradores dessa pobreza" (DP 1160).

4º) Leitura da realidade com os olhos da fé.

"Depois de termos olhado, como pastores, com os olhos da fé e do coração, a realidade do nosso povo, perguntamo-nos neste momento: Qual será o desígnio de salvação que Deus dispôs para a América Latina? Quais os caminhos de libertação que ele nos apresenta?" (DP 163).

"Por isso queremos encarar a situação da dignidade da pessoa humana e da promoção da justiça em nossa realidade latino-americana, refletindo sobre a mesma, à luz da fé e dos princípios fundados na própria natureza humana para encontrar critérios e serviços que nortearão nossa ação pastoral, hoje e no futuro próximo" (DP 1256).

5º) Indicação de pistas de ação pastoral de ajuda no processo de libertação integral.

"Queremos indicar algumas das suas raízes profundas para oferecer nossa contribuição e cooperar nas mudanças necessárias, a partir de uma perspectiva pastoral que perceba mais diretamente as exigências do povo" (DP 63; segue a explicitação dessas raízes... DP 64-70).

"A consciência que a Igreja tem de sua missão evangelizadora tem-na levado a publicar, nestes últimos dez anos, numerosos documentos sobre a justiça social; a criar organismos de solidariedade em favor dos que sofrem, de denúncia contra as violações e de defesa dos direitos humanos; a encorajar a opção de sacerdotes e religiosos pelos pobres e marginalizados" (DP 92).

Cf. DP 147-148. "Intensificação do compromisso com os setores desfavorecidos financeiramente, advogando sua promoção integral" cf. nºs 470-471.

“A teologia, a pregação, a catequese, para serem fiéis e completas, exigem ter diante dos olhos o homem todo e todos os homens e comunicá-los em forma oportuna e adequada, “uma mensagem particularmente vigorosa em nossos dias sobre a libertação” (EN, 29)...” (DP 479).

“... Queremos tomar consciência do que a Igreja latino-americana fez ou deixou de fazer pelos pobres depois de Medellín como ponto de partida para a busca de pistas opcionais eficazes em nossa ação evangelizadora no presente e no futuro da América Latina” (DP 1135, cf. DP 1137-1140).

“... Diante deste desafio temos consciência de que a missão da Igreja não se reduz a exortar os diversos grupos sociais e categorias profissionais à construção de uma sociedade nova, para o povo e com o povo, nem se trata tão somente de estimular cada um dos grupos e categorias a darem, com honestidade e competência sua contribuição específica, mas a serem outrossim agentes duma conscientização geral de responsabilidade comum perante um desafio que exige a participação de todos” (DP 1220).

6º) Relevância da contribuição cristã específica no processo mais global de libertação dos pobres, privilegiando os meios não violentos, a força do amor, a capacidade inexaurível do diálogo e da compreensão.

“Solidários com os sofrimentos e as aspirações do nosso povo, sentimos a urgência de lhe dar o que é nosso especificamente: o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus. Sentimos que esta é a “Força de Deus” (Rm 1,16), capaz de transformar nossa realidade pessoal e social e de encaminhá-la para a liberdade e a fraternidade, para a manifestação plena do Reino de Deus” (DP 181).

“É uma libertação que se vai realizando na história, a libertação de nossos povos e a nossa própria pessoal, e abrange as diversas dimensões da existência: o social, o político, o econômico, o cultural e o conjunto de suas relações. Em tudo isso há de circular a riqueza transformadora do Evangelho, com sua contribuição própria e específica, que se deve salvar...” (DP 483).

“Para essa ação corajosa e criativa, o cristão fortalecerá sua identidade nos valores originais da antropologia cristã...” (DP 552).

“Nossa responsabilidade de cristãos é promover de todos os modos os meios não violentos para restabelecer a justiça nas relações sócio-políticas e econômicas, segundo a doutrina do Concílio, que vale tanto para a vida nacional como para a vida internacional...” (DP 533).

“Devemos dizer e reafirmar que a violência não é nem cristã nem evangélica e que as transformações bruscas e violentas das estruturas serão enganosas, ineficazes em si mesmas e certamente não conformes com a dignidade do povo” (Paulo VI, discurso em Bogotá, 23/8/1968)...” (DP 534).

“Isto supõe que evangelização e diálogo estejam intimamente relacionados...” (DP 1098).

“A comunidade cristã conduzida pelo bispo estabelecerá a ponte de contato e diálogo com os construtores da sociedade temporal, a fim de iluminá-los com a visão cristã, estimulá-los com gestos significativos e acompanhá-los com atuações eficazes” (DP 1226, cf. n^{os} 1227-1229).

“... Para isso, é preciso um grande esforço de diálogo interdisciplinar da teologia, filosofia e ciências, à procura de novas sínteses” (DP 1240).

2.4. Confirmando a explicação.

Parece que o Santo Padre, João Paulo II, em duas alocuções suas, pouco depois de haver regressado do México, aonde fora inaugurar a III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, afirmou o equivalente aos elementos acima apresentados como descritivos da tendência teológica apresentada com o nome de teologia do cativo e da libertação.

Ambas as alocuções foram proferidas na audiência geral do dia 21 de fevereiro de 1979. Seus textos se encontram em “L'Osservatore Romano”, Ano X, número 8 (482) de 25/02/1979, pág. 11 e 12. A primeira, sob o título “Libertação e Conhecimento da Verdade”, o Papa a dirigiu aos jovens e crianças das escolas, associações e paróquias italianas.

No início diz o Papa: “Mais uma vez me refiro hoje ao tema da terceira Conferência do Episcopado Latino-Americano, dedicada à Evangelização, no presente e no futuro da Igreja”.

Em seguida define evangelizar como tendo por finalidade o reencontro do homem consigo mesmo em Cristo, no qual o homem encontra o sentido pleno e a dimensão adequada da própria vida.

“Este encontro é, ao mesmo tempo, a fonte mais profunda da libertação do homem.”

Descreve, então, o Papa o que é libertação. Associa-a com o conhecimento da verdade e continua: “Este serviço prestado à verdade, participação no serviço profético de Cristo, é missão da Igreja, que procura cumpri-la nos diversos contextos históricos. É necessário chamar claramente pelo nome a injustiça, a exploração do homem por parte do homem, a exploração do homem por parte do Estado ou por parte dos mecanismos inerentes aos sistemas e aos regimes. É necessário chamar pelo nome toda a injustiça social, toda a discriminação e toda a violência infligida ao homem no que se refere ao seu corpo, ao seu espírito, à sua consciência, à sua dignidade de pessoa e à sua vida. A libertação, mesmo no significado social, toma início no conhecimento e na proclamação corajosa da verdade, sem manipulações e sem falsificações de importância” (1).

(1) Convergência publicou o texto desta alocução em seu n^o 127 de novembro de 1979, págs. 521-522.

A segunda alocução que parece uma ampliação é aprofundamento da primeira está intitulada "A libertação nasce da verdade de Cristo" e foi dirigida a peregrinos e visitantes provenientes dos seguintes países: Argentina, Brasil, Espanha, Estados Unidos da América do Norte, França, Holanda, Inglaterra, Itália, Polônia, Principado de Mônaco, República Federal da Alemanha, Suécia e Suíça.

Outra vez começa o Papa lembrando Puebla: "Ainda hoje desejo referir-me ao tema da terceira Conferência do Episcopado Latino-Americano: à Evangelização". Fala sobre sua importância, atualidade e futuro. Define como na alocução anterior o que é evangelizar e o liga com a libertação. Em seguida prossegue:

"Assim a libertação é certamente uma realidade de fé, um dos fundamentais temas bíblicos, inscritos profundamente na missão salvífica de Cristo, na obra da Redenção e no Seu ensinamento. Este tema não deixou nunca de constituir o conteúdo da vida espiritual dos cristãos. A Conferência do Episcopado Latino-Americano testemunha que este tema volta em novo contexto histórico; por isso deve ele retomar-se no ensinamento da Igreja, na teologia e na pastoral. Deve retomar-se na sua profundidade própria e na sua autenticidade evangélica. Muitas circunstâncias fazem que ele seja muito atual. Difícil é, aqui, mencioná-las todas. Recordo-o certamente aquele "universal desejo da dignidade" do homem, de que fala o Concílio Vaticano II. A "teologia da libertação" é freqüentemente relacionada (algumas vezes demasiado exclusivamente) com a América Latina; é necessário porém dar razão a um dos grandes teólogos contemporâneos (Hans Urs von Balthasar), que justamente exige uma teologia da libertação de dimensão universal. Só são diversos os contextos, mas a realidade mesma da liberdade "para que nos libertou Cristo" (cf. Gl 5,1) é universal. A missão da teologia é encontrar o seu verdadeiro significado nos diversos e concretos contextos históricos e contemporâneos".

Retoma, então, as idéias desenvolvidas para os jovens: sobre a ligação: libertação-consciência da verdade, testemunho. Repete, alargando um pouco o que dissera na primeira alocução:

"Portanto, este serviço prestado à verdade, como participação no serviço profético de Cristo, é missão da Igreja, que procura cumpri-la nos diversos contextos históricos. É necessário chamar com os devidos nomes a injustiça, a exploração do homem pelo homem, ou a exploração do homem por parte do Estado, das instituições, dos mecanismos dos sistemas econômicos e dos regimes, que operam algumas vezes sem sensibilidade. É preciso chamar com os devidos nomes toda a forma de injustiça social, discriminação e violência, infligidas ao homem, contra o corpo, contra o espírito, contra a sua consciência e contra suas convicções. Cristo ensina-nos especial sensibilidade para com o homem, para com a dignidade da pessoa humana, para com a vida humana e o corpo humano. É esta sensibilidade que dá testemunho do conhecimento daquela "verdade que nos torna livres (Jo 3,32)".

Não é permitido ao homem esconder esta verdade diante de si mesmo. Não é permitido “falsificá-la”. Não é permitido fazer desta verdade objeto de “luta pelo exclusivo”. É necessário falar dela de modo claro e simples. E não para “deplorar” os homens, mas para servir à causa do homem. A liberdade, também no sentido social, parte do conhecimento da verdade”.

“Por agora detemo-nos neste ponto. A teologia da libertação deve sobretudo ser fiel a toda a verdade sobre o homem, para evidenciar — não só no contexto latino-americano, mas em todos os contextos contemporâneos — a realidade que é esta liberdade “para que nos libertou Cristo”. Cristo! É necessário falar da nossa libertação em Cristo, é necessário anunciar esta libertação. É necessário inseri-lo em toda a realidade contemporânea da vida humana”.

Concluindo, diz o Papa:

“Para isto nasci e para isto vim ao mundo, para dar testemunho da verdade (Jo 18,37). A Igreja, olhando para Cristo que dá testemunho da verdade, em toda a parte e sempre deve perguntar a si mesma, e em certo sentido também ao “mundo” contemporâneo de que modo se há de fazer sobressair o bem do homem: para que ele seja mais forte que o mal, que qualquer mal moral, social, etc. A terceira Conferência do Episcopado Latino-Americano dá testemunho da disponibilidade para assumir este encargo. Queremos não só recomendar a Deus este encargo, mas também i-lo conseguindo para o bem da Igreja e de toda a família humana” (2).

3. Conclusão

Do que se expôs acima parece ser aceitável a frase em exame nos seus dois componentes:

1º) Na invocação de sua fundamentação em Puebla.

2º) Na afirmação de que a teologia da libertação (no sentido explicado), é uma das criações originais de nossos cristãos e uma contribuição positiva às demais igrejas que peregrinam com outros problemas e desafios. Esta assertiva, a nosso ver, bem poderia ter-se inspirado no modo como João Paulo II falou da teologia da libertação na segunda de suas alocuções mencionadas.

(2) O texto íntegro desta alocução vem publicado nas páginas 378-379 e 380 desta Convergência. Não deixe de ler.

A LIBERDADE NASCE DA VERDADE DE CRISTO

João Paulo II

Roma, 21 de fevereiro de 1979

A teologia da libertação deve principalmente ser fiel a toda a verdade sobre o homem, para colocar em evidência, não só no contexto latino-americano mas em todos os contextos contemporâneos, a realidade que é esta liberdade "para a qual Cristo nos libertou".

Da Basílica Vaticana, o Santo Padre João Paulo II dirigiu-se para a Sala Paulo VI. Ali o esperavam peregrinos e visitantes provenientes dos seguintes países: Argentina, Brasil (peregrinos de Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo), Espanha, Estados Unidos da América do Norte, França, Holanda, Inglaterra,

Itália, Polônia, Principado de Mônaco, República Federal da Alemanha, Suécia e Suíça. Também ali o Papa se demorou a falar com grande número de pessoas, respondendo com amplos gestos às expressões de saudação e de bons votos que todos lhe dirigiam. Depois de pronunciar o seu discurso, João Paulo II cantou com a assembléia o "Pater Noster", e a seguir, juntamente com o Cardeal Humberto Medeiros, Arcebispo de Boston, nos EUA, e com os outros vinte Bispos presentes (posteriormente recebidos em particular), deu a Bênção Apostólica.

Eis o texto do discurso:

1. Ainda hoje desejo referir-me ao tema da terceira Conferência do Episcopado Latino-Americano: à evangelização. É tema fundamental, tema que é sempre de atualidade. A Conferência, que a 13 de fevereiro terminou os seus trabalhos em Puebla, dá testemunho disso. É, além disso, o tema "do futuro", o tema que a Igreja deve viver continuamente e prolongar no futuro. O tema constitui, por isso, a perspectiva permanente da missão da Igreja.

Evangelizar quer dizer tornar presente Cristo na vida do homem en-

quanto pessoa, e ao mesmo tempo na vida da sociedade. Evangelizar significa fazer todo o possível, segundo as nossas capacidades, para que o homem "creia"; para que o homem se encontre a si mesmo em Cristo; para que encontre n'Ele o sentido e a dimensão adequada da própria vida. Este encontro é, ao mesmo tempo, a fonte mais profunda da libertação do homem. Exprime-o São Paulo quando escreve: Foi para que ficássemos livres que nos libertou Cristo (Gál 5, 1). As-

sim a libertação é certamente uma realidade de fé, um dos fundamentais temas bíblicos, inscritos profundamente na missão salvífica de Cristo, na obra da Redenção e no Seu ensinamento. Este tema não deixou nunca de constituir o conteúdo da vida espiritual dos cristãos. A Conferência do Episcopado Latino-Americano testemunha que este tema volta em novo contexto histórico; por isso deve ele retomar-se no ensinamento da Igreja, na teologia e na pastoral. Deve retomar-se na sua profundidade própria, e na sua autenticidade evangélica.

Muitas circunstâncias fazem que ele seja muito atual. Difícil é, aqui, mencioná-las todas. Recordo-o certamente aquele "universal desejo da dignidade" do homem, de que fala o Concílio Vaticano II. A "teologia da libertação" é freqüentemente relacionada (algumas vezes demasiado exclusivamente) com a América Latina; é necessário porém dar razão a um dos grandes teólogos contemporâneos (Hans Urs von Balthasar), que justamente exige uma teologia da libertação de dimensão universal. Só são diversos os contextos, mas a realidade mesma da liberdade "para que nos libertou Cristo" (Cfr. Gál 5, 1) é universal. A missão da teologia é encontrar o seu verdadeiro significado nos diversos e concretos contextos históricos e contemporâneos.

2. O próprio Cristo relaciona, de modo especial, a libertação com a consciência da verdade: Conheceis a verdade e a verdade vos libertará (Jo 8, 32). Esta frase garante sobretudo o significado íntimo da liberdade para a qual nos liberta

Cristo. Libertação significa transformação interior do homem, que é consequência do conhecimento da verdade. A transformação é portanto processo espiritual, em que o homem se aperfeiçoa na justiça e na santidade verdadeira (Ef 4, 24).

O homem, assim amadurecido internamente, torna-se representante e porta-voz dessa "justiça e santidade verdadeira" nos diversos meios da vida social. A verdade tem importância não só para o crescimento da consciência humana, aprofundando deste modo a vida interior do homem; a verdade tem ainda significado e força profética. Constitui o conteúdo do testemunho e requer um testemunho. Encontramos esta força profética da verdade no ensinamento de Cristo. Como Profeta, como testemunha da verdade, Cristo opõe-se repetidamente à não-verdade; fá-lo com grande força e decisão e muitas vezes não hesita em deplorar o que é falso. Tornemos a ler cuidadosamente o Evangelho; nele encontraremos não poucas expressões severas, por exemplo: sepulcros caiados (Mt 23, 27), guias cegos (Mt 3, 16), hipócritas (Mt 25, 13, 13; 23, 25, 27, 29), expressões que pronuncia Cristo, consciente das consequências que O esperam.

Portanto este serviço prestado à verdade, como participação no serviço profético de Cristo, é missão da Igreja, que procura cumpri-la nos diversos contextos históricos. É necessário chamar com os devidos nomes a injustiça, a exploração do homem pelo homem ou a exploração do homem por parte do Estado, das instituições, dos mecanis-

mos dos sistemas econômicos e dos regimes, que operam algumas vezes sem sensibilidade. É preciso chamar com os devidos nomes toda a forma de injustiça social, discriminação e violência, infligidas ao homem contra o corpo, contra o espírito, contra a sua consciência e contra as suas convicções. Cristo ensina-nos especial sensibilidade para com o homem, para com a dignidade da pessoa humana, para com a vida humana e o corpo humano. É esta sensibilidade que dá testemunho do conhecimento daquela verdade que nos torna livres (Jo 3, 32). Não é permitido ao homem esconder esta verdade diante de si mesmo. Não é permitido "falsificá-la". Não é permitido fazer desta verdade objeto de "luta pelo exclusivo". É necessário falar dela de modo claro e simples. E não para "deplorar" os homens, mas para servir à causa do homem. A libertação, também no sentido social, parte do conhecimento da verdade.

3. Limitamo-nos quanto a este ponto. É difícil num breve discurso exprimir tudo o que encerra este tema longo, que tem muitos aspectos e sobretudo muitos níveis. Repito: muitos níveis, porque neste tema é preciso ver o homem segundo os diversos elementos de toda a riqueza da sua entidade pessoal e ao mesmo tempo social: entidade "histórica", e ao mesmo tempo, de algum modo, "supratemporal". (Desta "supratemporalidade" do homem dá testemunho também a história). A entidade que é a "cana pensante" (Cfr. B. PASCAL, *Pensées*, 347) — é sabido como é frágil a cana — exatamente porque "pensante", supera-se sempre a si

mesma; leva dentro de si o mistério transcendental e uma "inquietação criativa", que dele promana.

Por agora detemo-nos neste ponto. A teologia da libertação deve sobretudo ser fiel a toda a verdade sobre o homem, para evidenciar — não só no contexto latino-americano mas em todos os contextos contemporâneos — a realidade que é esta liberdade "para que nos libertou Cristo". Cristo! É necessário falar da nossa libertação em Cristo, é necessário anunciar esta libertação. É necessário inseri-lo em toda a realidade contemporânea da vida humana. Requerem-no muitas circunstâncias, muitas razões. Exatamente nestes tempos — em que se pretende que a condição da "libertação do homem" seja a sua libertação "de Cristo", isto é, da religião — precisamente nestes tempos deve tornar-se, para nós todos, cada vez mais evidente e cada vez mais plena a realidade da nossa libertação em Cristo.

4. Para isto nasci e para isto vim ao mundo, para dar testemunho da verdade (Jo 18, 37). A Igreja, olhando para Cristo que dá testemunho da verdade, em toda a parte e sempre deve perguntar a si mesma, e em certo sentido também ao "mundo" contemporâneo, de que modo se há-de fazer sobressair o bem do homem, para que ele seja mais forte que o mal, que qualquer mal moral, social, etc. A terceira Conferência do Episcopado Latino-Americano dá testemunho da disponibilidade para assumir este encargo. Queremos não só recomendar a Deus este encargo, mas também i-lo conseguindo para o bem da Igreja e de toda a família humana.

LIVROS NOVOS

TEOLOGIA DA MISSÃO, Pe. José Comblin. Editora Vozes, Petrópolis, RJ. Ano 1980. Páginas 96.

Não é por acaso que estamos assistindo a uma reatualização da teologia da missão. A idéia de missão que o autor explica neste estudo exprime a nova consciência da Igreja no limiar de uma fase missionária. A negação atual dos métodos missionários tradicionais mostra que não se trata de voltar a um passado superado, nem de prolongar as tentativas missionárias de outrora. O campo da missão, os interlocutores, os meios, a idealização, tudo é diferente. Estamos numa missão que de modo algum tem por meta a expansão do catolicismo atual. A meta é a fundação de novas Igrejas e a regeneração das Igrejas antigas pelas Igrejas novas. Estamos no limiar de uma etapa nova, de um novo tipo de vida cristã. De qualquer modo, nada mais importante do que compreender o tempo em que estamos. Antes de qualquer organização pastoral ou missionária, precisamos saber em que época estamos e quais são os sinais dos tempos.

EVANGELIZAR, Pe. José Comblin. Editora Vozes, Petrópolis, RJ. Ano 1980. Páginas 132.

A razão de ser da Igreja é evangelizar. Jesus entregou aos discípulos a tarefa de comunicar verbalmente e por escrito o seu Evangelho. Assim fazendo, Jesus não quis um evangelho, mas vários. Temos o Evangelho segundo Mateus, Marcos, Lucas, João e também o Evangelho segundo Paulo, Pedro, Tiago, conforme o autor da Epístola aos Hebreus. Neste opúsculo, o Pe. José Comblin medita o

método dos apóstolos e evangelistas: a lição dos evangelistas será como uma orientação para a nossa evangelização. Não se trata de repetir mecanicamente a mensagem dos evangelistas. Eles fizeram com que o Evangelho de Jesus fosse uma resposta ao grito de angústia dos homens que conheciam. Nós também, usando o material que eles nos deixaram, procuraremos compreender melhor o que Jesus quer dizer a cada uma das pessoas, tão diferentes, às quais ele nos leva. O leitor não encontra neste opúsculo um comentário dos evangelhos: somente uma explicação da palavra **evangelho**. O que significa esta palavra e qual o seu conteúdo em cada autor do Novo Testamento.

DESAFIOS AO UNIVERSALISMO CRISTÃO, Concilium/155. Teologia Fundamental, 1980/5. Editora Vozes, Petrópolis, RJ. Páginas 132.

A questão primordial abordada neste fascículo de Concilium é esta: como afirmar a vocação universal da Igreja; como testemunha da Salvação em Jesus Cristo para todos os homens, sem cair numa falsa universalidade cristã que favoreceria práticas de intolerância e de dominação? Em diversos artigos, os autores se dedicam a uma reflexão fundamental sobre a descoberta do etnocentrismo e de suas conseqüências para a teologia, confrontando com alguns exemplos de pretensões ao absoluto na história das missões cristãs. Descrevemos a atitude da Igreja frente aos desafios atuais do pluralismo intelectual e espiritual na sua defesa de uma lei natural universal. Na segunda parte, os autores pretendem contribuir para um enfoque fundamental

da verdadeira universalidade do cristianismo. Um dos autores demonstra concretamente por que uma teologia universalista de tipo totalitário se tornou hoje impossível, tanto no plano eclesial como no registro da existência cristã.

DISCUTINDO O PAPEL DA IGREJA, Cardeal Paulo Evaristo Arns. Edições Loyola, São Paulo, SP. Ano 1980. Páginas 208.

Se a "Igreja tem que ficar na sacristia" ou se deve "comprometer-se de corpo e alma com as realidades deste mundo" são as duas hipóteses extremas entre as quais deve encontrar seu ponto de equilíbrio a ação evangelizadora da própria Igreja. Sendo ela originariamente divina e humana, tomando a sua inspiração nos acontecimentos terrenos e na inspiração divina e tendo a sua atuação entre homens elevados ao mundo sobrenatural da graça, tem que ficar atenta para não desatender a nenhum destes dois mundos e exaurir-lhes a riqueza.

Deus, encarnado em Jesus Cristo, harmonizou maravilhosamente na sua pessoa estas duas realidades e, por isso, é o modelo acabado do homem. Nós, porém, estamos expostos aos desvios. Devendo realizar a harmonia, corremos o risco de colocar mais o acento num dos dois extremos. O sinal vermelho de atenção está sempre se acendendo para indicar o perigo que na história vai tomando o nome de angelismo ou materialismo, horizontalismo ou verticalismo, tradicionalismo ou progressismo.

Contra os gritos apaixonados e incompetentes, contra as críticas impledoras que se radicalizam na defesa exclusiva da atuação da Igreja num ou noutro sentido, aparece agora uma palavra medida, equilibrada do Cardeal Arns. Uma palavra que vale para hoje, que é resposta para a realidade conflitiva que nos toca viver. Quem é, como

sabemos, continuamente objeto desta crítica impledora e quem procura ser, antes de mais nada, fiel a Deus e ao povo, deve ter sido obrigado pela sua própria consciência a muitas horas de reflexão sobre este problema. O que valoriza certamente o presente livro.

FÉ CRISTÃ RENOVADA, Herbert Muehlen. Tradução do original alemão **Die erneuerung des Christlichen Glaubens**, do Pe. Francisco van der Water, MSC. Edições Loyola, São Paulo, SP. Ano 1980. Páginas 248.

Numerosos movimentos, de nosso século, indicam claramente que e em que sentido terminou certa época. Todos eles têm em comum a passagem do **EU** para o **NÓS**, de uma espiritualidade individualista, centralizada no sujeito, para a descoberta da comunidade eclesial, da Igreja como grandeza social (e já não, meramente, como sociedade composta de muitos indivíduos). Com isto já aparece igualmente no horizonte uma espécie de experiência social de Deus proporcionada pela fé dos co-cristãos.

Em alguns desses movimentos, irrompe assim, novamente, a vitalidade pentecostal da Igreja e isto de modo nunca previsto: a força missionária de comunhão espiritual manifesta-se sob uma forma que já se pode chamar de característica da época.

Discutimos aqui o fundamento teológico das renovações inter-eclesiais que representam, dentro da época atual, uma transição do **EU** para o **NÓS** e uma nova experiência da presença de Deus e do Espírito Santo no meio de nós. Tanto a teologia católica tradicional como a reformada não levam muito em conta o terceiro artigo da fé, a profissão de fé em Deus como Espírito Santo e por isso se pode e se deve falar de "um esquecimento do Espírito".

TEOLOGIA FUNDAMENTAL PARA LEIGOS — II, Pe. Waldomiro O. Piazza, SJ. Edições Loyola, São Paulo, SP. Ano 1980. Páginas 224.

Subtítulo do livro: JESUS CRISTO NOS EVANGELHOS. Esta obra quer completar a obra anterior: **Teologia Fundamental para Leigos**, com o subtítulo A Palavra de Deus nas Escrituras, editada pela Editora Vozes. Foram tratados os problemas relativos à correta interpretação das Escrituras. Este segundo volume trata dos problemas relativos aos fundamentos da nossa fé cristã na Pessoa e na mensagem de Jesus de Nazaré, assim como encontramos nos Evangelhos.

Numa época em que a Pessoa e a mensagem de Jesus são analisadas sob perspectivas tão diversas, suscitando não raro certas perplexidades na mente dos leigos cristãos, o autor julgou importante insistir no estudo daqueles testemunhos evangélicos que desde o início orientaram a reflexão dos sábios, a saber: os títulos atribuídos a Jesus de Nazaré pela primitiva igreja cristã.

Nesta perspectiva não se discutem as reconstituições da imagem de Jesus, feitas ultimamente, com o escopo principal de despir o Jesus dos Evangelhos do significado religioso que lhe foi conferido pela igreja cristã primitiva, pois cimo é bem de ver, tais reconstituições nada têm a ver com a Teologia Fundamental. **TEOLOGIA FUNDAMENTAL PARA LEIGOS — II** é o sétimo volume da Coleção PESQUISA E REFLEXÃO, todos eles escritos por teólogos brasileiros.

PROFISSIONALIZAÇÃO FEMININA, Uma Experiência no Ensino Público, Wanda Rosa Borges. Ano 1980. Páginas 152.

Este livro reflete a produção de uma educadora integralmente voltada para a educação. Ele revela a preocupação

com os destinos do ser humano em sua contínua luta para superar obstáculos e alcançar uma vida mais digna e mais humana. O tema abordado pela Professora Wanda Rosa Borges lembra algumas questões de muita importância, no momento em que tanto se discute sobre o papel da mulher na sociedade e tanto se debate a respeito da infância carente em nosso país.

Este livro apresenta exatamente esta problemática: a educação da mulher, numa sociedade que estigmatiza a menina abandonada e procura isolá-la da convivência social. As considerações da autora se centram principalmente nos seguintes temas:

(1) A condição social da mulher em nossa sociedade é de clara inferioridade em relação ao homem. (2) A estrutura desta primeira escola de crianças abandonadas obedeceu ao melhor figurino pedagógico do Brasil, qual seja, a transplantação de modelos. (3) A educação oferecida combina com a mentalidade que atribui à mulher uma função bem determinada e específica na vida doméstica. (4) Devem-se encontrar alternativas educacionais em outros tipos de educação compensatória ou educação popular.

O livro apresenta importante contribuição ao estudo da história da educação brasileira. O prefácio enquadra o livro no marco da realidade educacional brasileira com os seus logros e as suas deficiências.

O LEIGO CRISTÃO NO MUNDO E NA IGREJA, Pe. Ênio José da Costa Brito, SJ. Edições Loyola, São Paulo, SP. Ano 1980. Páginas 240.

O presente estudo focaliza o problema da Teologia do Laicato de Yves Marie-Joseph Congar, o grande eclesiólogo contemporâneo, com particular atenção aos escritos do período conciliar e pós-conciliar, superando amplamente os re-

sultados obtidos por precedentes pesquisas inclusive os estudos de Untener, Bonifazi, Rudoni e Guilmot sobre as posições de Congar. A problemática é discutida sob o ângulo da responsabilidade do leigo na construção do mundo e da Igreja. Trata-se de uma pesquisa metódica, coerente na sua lógica interna, estimulante pela sua informação teológica e sensibilidade pastoral.

Depois de uma introdução ao estado da questão, o presente estudo começa debatendo o problema da responsabilidade do leigo na construção da comunidade eclesial, à luz da renovação eclesiológica dos últimos decênios. A segunda parte examina a questão do relacionamento entre cristianismo e história, como pressuposto para uma solução do problema da participação do leigo na construção do mundo.

O livro, ao estabelecer as grandes linhas de uma teologia do laicato, particularmente relevante no contexto eclesial contemporâneo, poderá ajudar a quantos se preocupam pelo presente e pelo futuro do laicato cristão mesmo na América Latina. O tema do laicato cristão na América Latina deverá ser considerado novamente à luz das orientações e recomendações pastorais do Episcopado Latino-Americano em Puebla. Neste sentido são reveladoras algumas afirmações do Documento conclusivo, dando "seu estímulo e reconhecimento a tantos leigos que, mediante seu testemunho de entrega cristã, contribuíram e contribuem para o cumprimento da tarefa evangelizadora e para apresentar a face de uma Igreja comprometida na promoção da justiça entre nossos povos".

LIVROS RECEBIDOS

Editora Vozes Ltda., Petrópolis, RJ

PRÁTICA CLÍNICA DA MODERNA PSICANÁLISE EM GRUPOS, José Gerscovich. Ano 1980. Páginas 112. OS SIN-

DICATOS E O PTB, Maria Andréa Loyola. Ano 1980. Páginas 144. A PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS, Pedro Marinho. Ano 1980. Páginas 172. FORMAÇÃO PARA O HOMEM DO CAMPO, Pe. Neri Feitosa e Simone Aparecida Rocha. Ano 1980. Páginas 184. MIGRAÇÕES INTERNAS NO BRASIL, Itamar de Souza. Ano 1980. Páginas 144. SERVIÇO SOCIAL, INTERVENÇÃO NA REALIDADE, Centro Latino-Americano de Trabalho Social. Organização de José Fernandes Dias. Ano 1980. Páginas 136.

O PROJETO JARI e os capitais estrangeiros na Amazônia, Irene Garrido Filha. Ano 1980. Páginas 100. MODOS DE PRODUÇÃO E REALIDADE BRASILEIRA. Trabalhos de sete autores e coordenação de José Roberto do Amaral Lapa. Ano 1980. Páginas 212. RELIGIÃO E CLASSES POPULARES, Francisco Cartaxo Rolim. Ano 1980. Páginas 206. O PSICODIAGNÓSTICO DE HERMANN RORSCHACH, Alba Gomes Guerra. Ano 1980. Páginas 328.

LIVROS RECEBIDOS:

Edições Loyola, São Paulo, SP.

O QUE MARIA GUARDAVA EM SEU CORAÇÃO, José María Pemán. Tradução do original espanhol Lo que Maria guardaba en su corazón do Pe. Maurício Ruffier, SJ. Ano 1980. Páginas 164. COM MARIA EM ORAÇÃO, Pe. Fernando Maria Álvarez de Miranda, SJ. Ano 1980. Páginas 80. NOSSA SENHORA DA AMÉRICA LATINA, Frei Patrício Schiadini, OCD e Ana Paula Coutinho. Ano 1980. Páginas 176. CRISTO E MARIA NA MINHA VIDA, Pe. Roque Schneider, SJ. Ano 1980. Páginas 80. TEOLOGIA PARA O CRISTÃO DE HOJE, Volume 8: Salvação e Redenção. Instituto Diocesano de Ensino Superior de Wuerzburg. Ano 1980. Páginas 270. A BUSCA DE DEUS NO MUNDO DE HOJE, Michel Cuenāt. Ano 1980. Páginas 96.

DUAS PERGUNTAS

1. Quais as grandes tendências teológicas na história da Igreja?

Você encontra uma boa resposta à página 360 desta revista que tem em mãos. Aí são apresentadas seis tendências e, em síntese, se indicam: o conteúdo nuclear de cada uma, a incidência na pastoral, a incidência na sociedade em geral, o alcance e o limite de cada tendência. Aqui apenas enumero: (1) Teologia como explicitação do depositum fidei. (2) Teologia como iniciação à experiência cristã. (3) Teologia como reflexão sobre o *mysterium salutis*. (4) Teologia como antropologia transcendental. (5) Teologia dos sinais dos tempos. (6) Teologia do cativo e da libertação.

2. Qual destas seis tendências seria a teologia adequada e necessária à Igreja no Brasil?

A Igreja tem já uma caminhada dentro de uma determinada sociedade. Tomou suas grandes decisões e apresenta um perfil feito de ação e reflexão. A sociedade afronta a fé com graves desafios que devem ser tomados a sério e refletidos pela teologia com o intuito de ajudar a Igreja a ver claro para que possa decidir com acerto. Em razão desta **diaconia**, que toda teologia dentro da Igreja deve apresentar, não é qualquer tendência teológica que se mostra apta para desempenhar este serviço indispensável. Uma Igreja só pode se considerar adulta quando dispõe de uma reflexão séria que acompanha suas práticas e de um corpo de peritos capaz de elaborar o quadro teológico da fé, articulado com os desafios provindos da realidade sócio-histórica. **Qual então a teologia adequada e necessária à Igreja que peregrina com o povo brasileiro**, em sua grande maioria religioso e pobre? Todas as tendências teológicas são úteis porque cada uma delas põe a descoberto dimensões que ficam escondidas ou pouco focalizadas em outras tendências. Isto, entretanto, não impede de colocarmos a **questão básica**:

— Qual das teologias surge das práticas pastorais, religiosas e místicas do caminhar de nossa Igreja?

— Qual delas é momento de iluminação e de animação para tais práticas?

Creio que devemos dizer, com Puebla, que a **teologia da libertação** é uma das criações originais de nossos cristãos e uma contribuição positiva às demais Igrejas que peregrinam com outros problemas e desafios. Com isto não se significa que as demais tendências devam ser descartadas, mas deve-se assumir tudo o que nelas nos possa ajudar a sermos mais fiéis ao Evangelho, à grande Tradição, ao povo de Deus e principalmente aos anelos de libertação dos pobres.